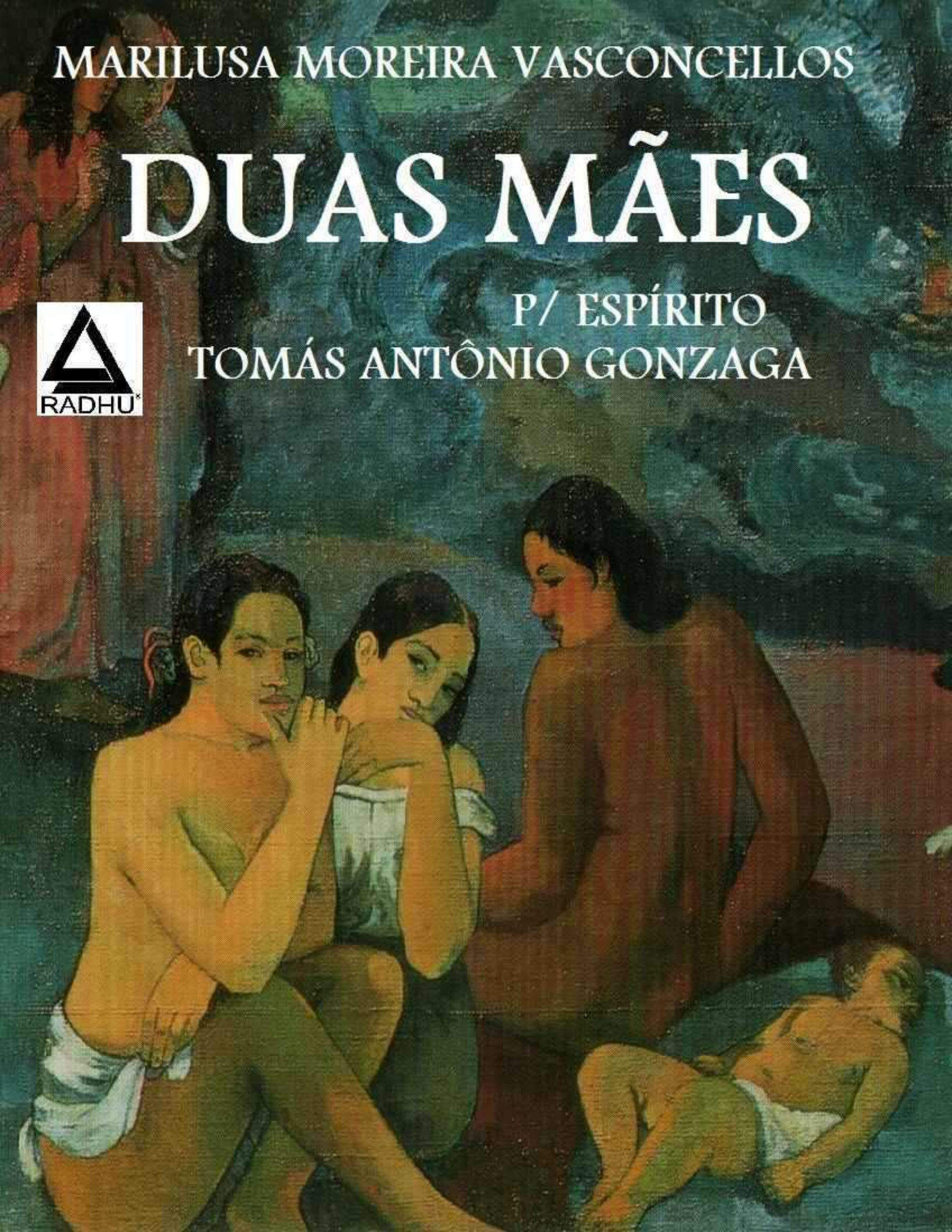


MARILUSA MOREIRA VASCONCELLOS

DUAS MÃES

P/ ESPÍRITO

TOMÁS ANTÔNIO GONZAGA

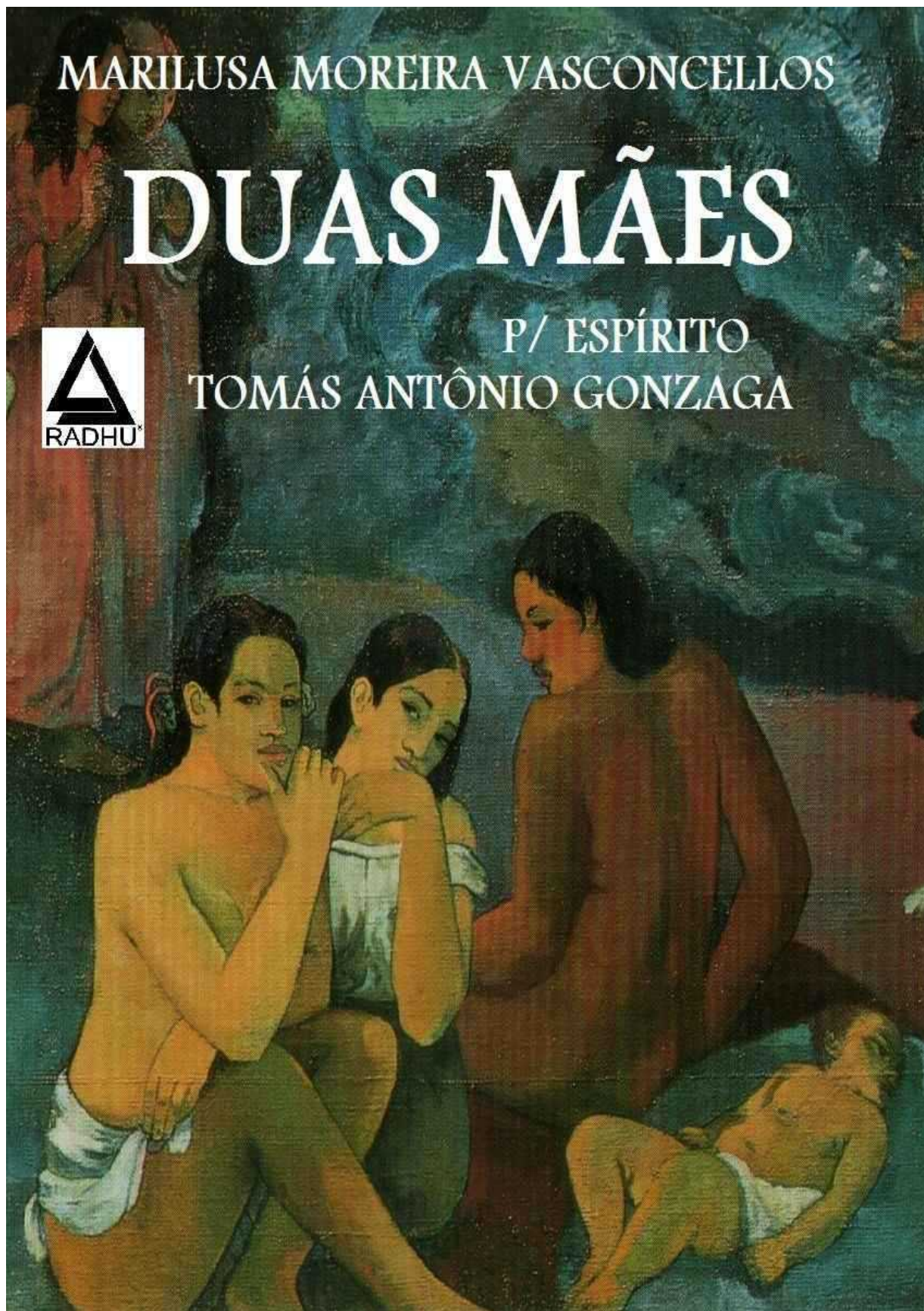


MARILUSA MOREIRA VASCONCELLOS

DUAS MÃES

P/ ESPÍRITO

TOMÁS ANTÔNIO GONZAGA



MARILUSA MOREIRA VASCONCELLOS

DUAS MÃES

p/ espírito

Tomás Antônio Gonzaga

Distribuidora
EDITORIAL ESPÍRITA RADHU LTDA.

R.MARIA OLIANO GERASSI-288

MOINHO VELHO- SÃO PAULO

CEP- 04284-065

fon-(011)2274-3818

www.radhu.com.br

radhu@terra.com.br

ulamor@gmail.com

Ficha Catalográfica da Editora

Vasconcellos, Moreira Marilusa

DUAS MÃES- romance mediúnico

Marilusa Moreira Vasconcellos- ditado

pelo espírito de Tomás Antônio Gonzaga

1.Brasil- narrativa- 2015

2.Psicografia- Gonzaga, Tomás
Antônio(1744-1810)

11 titulo. 2016

T.A.G. 1942-MMV.

índice para catálogo sistemático.

1.Escritos psicografados- Espiritismo
Relatos históricos. Literatura Brasileira.
Romances mediúnicos. Espiritismo.

Capa;- Marilusa Moreira Vasconcellos.

Todos os direitos reservados a

EDITORIAL ESPIRITA RADHU LTDA.

R. MARIA OLIVIA GERASSI-288-

MOINHO VELHO.SÃO PAULO

CEP 04284-065

FON.(011) 2274-3818

**Este livro é baseado em fatos reais
do momento, e em fatos ocorridos há
milênios, no Egito.**

As pessoas envolvidas nas tramas são as mesmas; espíritos do passado, ressarcindo seus débitos, de forma fantástica, no momento presente.

Lições maravilhosas e inesquecíveis, que partilhamos com você, amigo leitor.

PALAVRAS INICIAIS

Geralmente viajamos de ônibus e, em algumas circunstâncias, aqueles que nos convidam providenciam um transporte para nos levar aos locais, e nos trazer de retorno a São Paulo.

Lembro-me que fui de ônibus a cidade para a qual fora convidada, mas, na volta, um

jovem rapaz se prontificou a me trazer de retorno à minha residência, de forma muito espontânea e gentil.

Sua aparência bem posta, até mesmo bela, cheio de energia e simpatia, logo nos cativou.

Viemos em conversa agradável, e, através dele, fiquei sabendo a linda história de sua vida atual.

Enquanto ele nos narrava, com elegância e bondade, o desenrolar da presente vida, nosso orientador nos mostrava cenas de uma época distante, envolvendo-o e às

peessoas que faziam parte de sua narrativa.

Mas, isto é o que você verá a

seguir.

**Tenho certeza de que
você também, irmão e amigo
leitor, terá uma ou
mais histórias tão lindas qua
nto esta,
durante sua jornada terrena.
Grata,**

Marilusa

PALAVRAS DO AUTOR

**Amigo e irmão,
Jesus nos abençoe.**

Com que alegria e prazer retorno, para
que possamos usufruir das lições
memoráveis que a vida nos traz, durante
nossa peregrinação, no campo material ou
no Mundo Espiritual,
Diariamente vamos escrevendo no

Livro da Vida nossas ações, acertos e
desacertos, imersos nas emoções que a vida
nos traz, desfiando os momentos de maior
ou menor intensidade, e as ligações imortais
que entretecemos, junto aos nossos irmãos
de caminhada.

Jornadeiros do Infinito, estamos sempre aprendendo,
quase sempre de uma forma dolorosa, as lições que nos competem
exemplificar no dia a dia, entrelaçados ao passado, vivenciando o presente,
e com vistas a um futuro que mal conseguimos delinear.

Este é o fanal de nossos espíritos,
nosso roteiro e nossa estrada.

Mas nunca seguimos sozinhos, mesmo
porque o homem é o ser mais frágil da
criação e necessita sempre de muito amparo,
após o nascimento, até conseguir um pouco
de independência, para se manter com vida.

Deste modo, nossos pais, ou aqueles
que os possam substituir, têm imensa
importância em cada uma de nossas vidas.

Isto se faz muito patente na presente
narrativa.

Eivada de ternura e beleza, renúncia,
desprendimento e humildade, as palavras
que compõem esta narrativa, têm uma luz
especial no Livro da Vida e demarcam
momentos de rara formosura, até chegar no

momento presente, de um encantamento
que pretendemos deslindar e testemunhar,
junto com seus personagens, e com você.
Sem mais delongas, portanto,
mergulhemos fundo, neste encantado mundo
de experiências de almas valorosas, que lhe
compõem o cenário, o roteiro, e a grandeza
de sua ternura.
Meu carinho avocê.
Jesus nos abençoe.
Tomás.

CAPÍTULO 01- NA AMAZÔNIA.

—Minha história começa na Amazônia,
foi lá que eu nasci, há bem pouco mais de
duas décadas, há vinte e cinco anos, para ser mais exato. - começou meu
motorista da viagem agradável havida em terras paulistas, tão logo
adentramos a larga estrada que nos permitiria chegar a São Paulo.
O dia estava esplendido, claro,
agradável, ameno, o sol mostrava com sua
luz a beleza das margens da estrada, onde a
vegetação vistosa do Brasil se fazia
presente, em alguns trechos e onde se via
margeando propriedades rurais bem
cuidadas, e cidades interioranas agradáveis
e bem postas.
Teríamos algumas horas de percurso e

o rapaz, a quem chamaremos de Zèzinho,

havia prometido que faríamos algumas paradas, a fim de tomar algum lanche ou usar os locais para esticar as pernas ou utilizar os sanitários.

Quando, após entrar na estrada, ele

começou o seu relato, aquilo se deu de

forma inusitada e espontânea, de vez que

nossa mediadora havia comentado, sem

intensão alguma, que cada pessoa traz em si um mundo de revelações e aprendizado, que cada ser é único em sua individualidade, e cada vida forma uma nova personalidade

ligada a esta individualidade imperecível: e

as vidas são diferentes e maravilhosas em

suas dimensões particulares.

Zèzinho sorriu e comentou:

—Eu sou uma prova do que a senhora

está dizendo. Poucas pessoas sabem a

minha história particular, mas, tenha certeza,

parece coisa de novela, de tão complicada e

diferente de tudo o que eu tenho visto. Vou

lhe contar tudo o que me tem acontecido,

apesar de eu estar apenas com vinte e cinco anos, o que não representa quase nada no curso de uma vida.

Sou uma pessoa bem realizada,

estudei, me formei e trabalho na área que

gosto. Montei minha própria empresa e vivo

do meu trabalho. Sou filho único e adoro

meus pais.

A maioria das pessoas, pelo que tenho visto, tem muitos problemas e sempre estão reclamando de alguma coisa na vida, ou de dificuldades, ou das suas famílias, ou da profissão, ou dos relacionamentos, até de suas crises existenciais, religião, etc.

Eu não. E não é que eu tenha uma vida nababesca, ou que tenha sido mimado, ou que me julgue acima dos demais. Parece

que o pouco que tenho, a família em que estou inserido, os amigos, minha religião, a

espírita, meu trabalho, aquele que escolhi e no qual me realizo, tudo contribui para que me sinta feliz, quase que um privilegiado, embora não me veja coberto de privilégios.

Sinto apenas que tudo o que me tem acontecido, foi para o meu bem e o bem das pessoas que amo, como se alguém, lá em cima, fosse o roteirista dos meus dias, e cuidasse com muita tranquilidade, de cada ato em meu percurso.

Zèzinho sorriu alegre e divertido e começou a narrar, de forma leve, tranquila mesmo, mas com muita serenidade, sua história inusitada, cheia de nuances

surpreendentes, e muita, muita ação inesperada.

Nossa medianeira ficava mais e mais enredada em suas palavras, intrigada com sua narrativa, admirada da história de vida do rapaz, com a desenvoltura com a qual a descrevia, e tentando mesmo uma explicação lógica, para tantos acontecimentos, envolvendo seu nascimento.

Seu relato envolvia tantos fatos intrincados e inexplicáveis, que seria muito difícil, realmente, encontrar tais eventos no dia a dia da maioria dos seres mortais.

Sabemos que cada vida é diferente, que cada pessoa experencia os acontecimentos de forma individual e intransferível, mas a maioria das vidas segue um ciclo aparentemente semelhante, em cada época, em cada civilização, em cada grupo social.

Do nascimento à morte, passando pela infância, puberdade, adolescência, maturidade, velhice, todo ser humano tem um roteiro, mais ou menos semelhante, guardadas algumas devidas diferenças de personalidades e oportunidades, escolhas e

resoluções.

Mas o que Zèzinho narrou era algo que fugia completamente ao lugar comum, ao quotidiano mais ou menos semelhante da maioria dos brasileiros, nas diversas regiões onde se encontram.

Não. Zèzinho só no seu nascimento ligava o Norte ao Sul do país, e pessoas que não se conheciam, num único enredo mirabolante.

Sua narrativa era simples, sem malabarismos de interpretação, nem afoitos em sua análise, nem profundos em sua dinâmica.

A simplicidade com a qual ele ia expondo os fatos, em que estava inserido, seu nascimento e sua vida, só podiam ser explicados com a maturidade de seu espírito imortal, totalmente enfronhado em seu próprio roteiro, numa compreensão mais ampla de tudo, que escapa à maioria das pessoas, que se revoltam ou estranham o que lhes acontece, por não alcançarem uma elevação maior para a apreciação dos eventos.

Zèzinho não estranhava o que lhe acontecera, como que abençoava os fatos e os entendia, mesmo sem uma explicação maior sobre eles.

E isto era admirável.

Mas, enquanto narrava com elegância impar os fatos que o haviam trazido à vida, Marília, nossa medianeira, o observava com admiração e carinho e eu, aos poucos, nos intervalos da narrativa, a punha a par dos eventos passados numa época longínqua, que haviam redundado no presente roteiro de vida, que envolvia o distinto moço.

Venha conosco, busquemos o Norte do país, na Amazônia, e viajemos até chegar a uma tribo do Xingu.

CAPÍTULO 02- TRIBO DO XINGU.

Na aldeia simples, de costumes seculares, o dia transcorria ameno.

Cada um executava seus afazeres, logo que o dia raiava, para que pudessem seguir com sua vida simples, suas regras, seus costumes e o equilíbrio que buscavam, sem a interferência cada vez maior do

homem branco, com sua civilização, suas conquistas, sua intromissão.

Em meio ao grupo pequeno, que se interligava na região a outros da mesma etnia e civilização, ocorria um rito de passagem, com várias meninas que estavam adentrando o mundo dos adultos, através da cobrança natural do crescimento, com a vinda das primeiras regras menstruais.

O ritual era secular, e obedecia regras rígidas, que já eram conhecidas por todos, mas para as juvenzinhas era algo muito importante.

Demarcava uma iniciação na vida adulta, e suas avós haviam lhes ensinado, o comportamento que se esperava delas daí para a frente, a fim de se tornarem mulheres ativas na comunidade, companheiras e mães, a alicerçar a força de seu grupo e de suas tradições.

Ficariam presas durante dois anos, num local, isoladas e às escuras.

Receberiam orientações e a cerimônia, dois anos após, passado este período, começava com vários membros da tribo com máscaras representando animais, mais de macacos, que diziam bobagens ou as hostilizavam, ameaçando abusar delas, e caçoando de sua sexualidade.

Era um impácto para testar sua

coragem, seus limites e o que podiam saber que representaria em perigo à nova condição física que as estavam submetendo, dentro dos padrões da natureza humana.

Uma das jovens, que se destacava por sua formosura, pela graça de seu corpo juvenil, de seus cabelos bastos e negros, de seus olhos expressivos e de sua graça natural, fazia parte das iniciadas.

Ela sempre se destacara pela maneira delicada e gentil de se portar com todos, pela sua lhanza de raciocínio, pela manifesta maturidade de sua alma bem formada.

Bem quista por todos, via naquela cerimônia algo natural e necessário à sua evolução, e não demonstrou ou sentiu medo, nas demonstrações de ameaças ou gozação de sua atual condição e mudanças.

Algumas meninas estavam temerosas e ansiosas, mas ela todo o tempo demonstrou tranquilidade, conformação e aceitação.

Afinal, seriam dois anos praticamente de cativeiro, o que não é agradável a nenhum ser humano que, desde sempre,

estivera livre para ir e vir, no contato com seu grupo afim.

Dois anos sem estar em contato com a natureza, com seus amigos e parentes, com os animais de estimação, sem poder ir até a aldeia dos brancos, observar seus costumes, sua gente, sem participar das tarefas rotineiras de seu grupo, sem poder trabalhar nas coisas que mais gostava, sem poder conversar, dançar ou cantar nas cerimônias do grupo, sem ver o sol nascer e se por, ir até os rios, nadar em suas águas abundantes, subir em suas árvores, brincar e aprender.

Não seria nada fácil e ela se preparara para isto, embora sentisse que, conquanto isto se repetisse há muitas gerações, há séculos, este costume haveria de mexer com sua maneira de ser, e principalmente de sentir, e mergulhava num movimento intenso de vivência interior, meditando que a natureza, dali para a frente lhe propiciaria, sem dúvida, a possibilidade de ser mãe, de gerar um novo ser, menino ou menina, que teria muitos caracteres de sua maneira de ser, e que levaria, pela vida afora, um pouco de sua própria essência.

Não sabia se as outras meninas pensavam nisto, ou apenas na constituição de uma família, na iniciação sexual ou no que haveriam de fazer daí para frente com a

nova condição em que mergulhavam, a partir de então.

Tinha receios de comungar seus pensamentos a respeito com a mãe e as avós, porque achava que isto poderia lhes causar algum tipo de preocupação para com ela.

Não sabia por que, para ela, gestar um novo ser era tão importante, e tão desejado.

Não pensava em ter um companheiro. Ninguém na tribo havia lhe atraído o olhar ou o desejo de uma aproximação mais efetiva e afetiva, no sentido de um comprometimento.

Até para si mesma questionava o porquê de tanta inclinação para uma maternidade, coisa que seria natural para todas, devido mesmo à condição feminina, mas que reconhecia, em si mesma, como algo que extrapolava o senso comum de seu grupo. Os dois anos de isolamento haviam passado.

As festas durariam cinco dias, mas as tarefas se iniciariam antes, com a confecção das máscaras pelos homens, com a preparação culinária pelas mulheres, com os teares, a confecção dos bastões da dança,

sendo esculpidos. Com os desenhos entre as cascas das árvores, com a cestaria e as

cerâmicas, com os colares, cheios de figuras

pequenas que estavam sendo

confeccionados, esculpidos em tucumã, para

ser apresentados às jovens.

A máscara principal era a da serpente,

E o chefe principal do grupo, o Tó-u,

comandaria todas as cerimônias que

culminariam com uma espécie de batismo no

rio.

O alimento era providenciado pelas

mulheres mais velhas do grupo familiar, e era proibido falar, durante este tempo.

Seu corpo seria pintado com desenhos

escolhidos, na cor do jenipapo, e a franja de

seus cabelos seria cortada.

O ritual se dava durante a lua cheia. Isto equivalia a buscar a bondade, beleza e

sabedoria nas jovens envolvidas naqueles

misteres.

O chefe, Tó-u, fumaria o charuto. A

jovenzinha Inaiê, cujo nome significava gosto

de mel, estava por um lado tranquila com o

que a aguardava, sabia o que esperar e só

temia o momento em que participaria da

dança, porque, segundo se lembrava,
algumas jovens, neste momento, entravam
em transe, não entendia bem porquê, mas,
para ela, era como se perdessem o controle
de si mesmas, por espíritos da floresta, ou
sabe-se pelo que.

Já experimentara alguns momentos em
que se sentia, como se estivesse fora de si
mesma, ou em contato com seres que a
subjugavam, porque não entendesse bem o
que acontecia, nestes momentos, temia algo
que pudesse acontecer, durante os festejos.

E ela não estava muito fora de sua
realidade, com estes temores.

Foi durante as danças que sentiu como
que se as pernas não mais a obedecessem.

Estava como que acima do chão, embora

sentisse que as pernas continuavam a dançar, sob o comando das pessoas
que a

direcionavam.

A cabeça também ficou como que

atordoada, e ela se questionou se não haviam colocado em sua alimentação
algum

elemento, que lhe provocava as sensações

de falta de controle.

Aquilo não era agradável, mas também

não era assustador, somente a punha

numa situação de fragilidade, que não podia controlar.

Começou a ouvir o som dos tambores

e das businas, tipo de flautas com sons

graves, como se estivesse distanciada deles, e a ver imagens que fugiam ao cenário em que estava inserida, com as pessoas de seu grupo familiar dançando e levando-a.

Pintada de jenipapo, com colares e

enfeites, gostaria de observar melhor os

rostos que a cercavam, o chão, onde batia os pés num ritmo próprio, os chocalhos na

ponta dos bastões esculpidos e nos

calcanhares das pessoas de seu grupo, mas

não conseguia.

Ao invés disto, começou a ver o rosto

de um homem, mas não era um índio. Era um homem branco, que ela considerou bonito e jovem, e que fez seu coração disparar, como se já o conhecesse.

Ele lhe sorria, de um modo muito

carinhoso e envolvente. Ela queria lhe falar,

perguntar quem era, e porque lhe aparecia

naquele momento, mas, era como se a

proibição de falar se impusesse.

O desconforto propiciado por não

entender o que ocorria se impôs, através de

um medo que não saberia definir, e da

antecipação de um sofrimento, que sentia

não poderia impedir.

Inaiê queria perguntar:

—Quem é você? O que tem a ver comigo?

Mas não conseguia.

O jovem lhe sorria e a encantava, sem

ela atinar porquê.

—Alucinação.-pensou-Loucura. concluiu.

Não conseguia ver o que a cercava. Não conseguia entender. Era absurdo aquele momento que ela já sabia haver e que imaginara que seria tranquilo e inevitável.

As outras jovens estariam passando

pela mesma situação? Não podia si quer

perguntar naquele momento, e nem poderia

fazê-lo depois, pelo silêncio que lhe era

imposto, mas seguia o ritmo da dança, a

cabeça sem controle, tombada sobre o peito.

Aquele homem a encantava, como se

fosse um ente poderoso, vindo de algum

lugar que desconhecia, ele como que a

submetia com um encantamento que

ignorava, e que não conseguia suplantar.

Inaiê se sentia anestesiada
fisicamente e também fascinada, atraída por

aquele homem.

Como explicar o que via, o que sentia,

o que passava a temer?

Onde encontraria as explicações para

aquele momento, que fora esperado, e que

era natural, não deveria, em hipótese
alguma, oferecer-lhe sensações tão
perturbadoras e inexplicáveis.

Jamais imaginara passar um dia por
aquelas sensações, que a dominavam e
desestabilizavam.

Aquilo não tinha lógica, e um dia
alguém deveria lhe explicar o que estava
acontecendo com ela.

Estaria enlouquecendo? Não se sentia
fora do juízo, mas, sem dúvida, fora do

controle, que reconhecia como seu. Gostaria de retomar seu estado
natural, seus dias simples, sem complicação, suas crenças e costumes, mas
parecia impossível.

O que aquele homem branco estava
fazendo se apresentando naquele momento?

Tinha medo de perguntar, não conseguia perguntar, e não sabia a
resposta.

Fora aquele momento indefinido, que a marcara profundamente, o
restante de sua

vivência ritual se passou de forma natural, e
esperada.

Chegou o dia festivo em que sairia do
isolamento e voltaria ao seu dia a dia, ainda
que numa situação, e numa posição diferente.

Mas Inaiê jamais esqueceria aquela
experiência, e não conseguia falar sobre ela

com ninguém de sua família ou de seu grupo.

CAPÍTULO 03 - NA VILA

Depois da nova experiência de seu ritual de iniciação, ela se fez ainda mais introspectiva, arredia quase às brincadeiras que antes apreciava.

Sua família achou que isto se devia à mudança de posição no grupo familiar, e não questionou muito as mudanças havidas.

Enquanto isto, no sul do Brasil, na região de Porto Alegre, uma outra jovem, que fora, segundo o rito de passagem de seu grupo iniciada na vida adulta, vivia um drama muito diferente de Inaiê.

Sonhadora e ingênua, a jovem que tinha o nome indígena de Anahí, que quer dizer bela flor do céu, travava um contato mais amplo com a civilização do homem branco, pelas trocas havidas entre os artesãos de seu grupo, e os turistas que compravam seus produtos.

Aprendera a interagir com os comerciantes locais, e com as pessoas em

geral, falava muito bem o português e era uma das que mais vendia os produtos de seu grupo, levando à família e aos demais um pouco do que se constituía chamar do conforto da civilização.

Com isto, pensava conhecer bem as pessoas com as quais travava comércio, e pensava também que jamais cairia nas malhas ou redes de aliciamento, sobre as quais era alertada pelos seus parentes.

Anahí, jovem, bela e atraente, acostumara-se a ir até as cidades próximas de sua aldeia, e até vender nas suas lojas o artesanato caprichoso que elaboravam.

Não lhe passava pela cabeça sair um dia da vida que vinha levando, desde a infância, respeitando os costumes de seu grupo, amada e amando-os incondicionalmente.

Porém, como a vida traz surpresas, em seus contatos, a bela jovem índia, acabou por se encantar com um caminhoneiro que, vez por outra, aparecia na região, e sempre comprava seus produtos, com muito agrado, elogiando-a e à sua beleza.

Não tardou que se deixasse encantar
por ele, e, apesar dos avisos de que não
deveria se envolver com o homem branco,
acabou por se apaixonar.

Daí aos encontros escondidos e
ocasionais, não demorou muito, e ela se
sentia mais e mais prisioneira dos encantos
daquele homem que a seduzira, com
promessas de um compromisso sério.

Jamais duvidaria do amor dele, nem
das promessas que lhe fazia.

Enfrentaria o mundo por aquele amor.

Pela própria condição do trabalho que
exercia, o homem de nome Sérgio, não tinha
nenhuma vontade de cumprir o que vinha
prometendo.

Levara a jovem a confiar nele, e
aproveitava da ingenuidade dela, procurando
apenas preservar sua vida, sem se colocar a
vista para a tribo que a abrigava.

A doce e meiga Inahí não imaginava
quem era o ser que a envolvia, que, embora
fosse trabalhador e aparentemente honesto,
não tinha o menor escrúpulo nos relacionamentos afetivos e sexuais, usando
as pessoas, como se fossem brinquedos

sem sentimento.

Ele não se desagradava da jovem,
tinha-lhe mesmo certa afeição, mas não a
ponto de respeitar-lhe os sentimentos.

Em pouco tempo a jovem se reconheceu grávida, e feliz informou ao
companheiro, certa de que ele também ficaria feliz, e colocaria a situação
de ambos numa condição de aceitação com sua tribo.

Foi isto que ele lhe prometeu, porém,
no dia seguinte, ninguém mais sabia dar
notícia dele, e começou para a jovem um
verdadeiro inferno.

Ela conhecia os métodos utilizados em
seu grupo, para evitar a sequência da
gestação, mas não aceitava o infanticídio, e
esperava que seu amor, o jovem Sérgio,
finalmente reaparecesse e retomasse o
compromisso assumido com ela.

O tempo foi passando e a gravidez
ficou evidente.

Pelos costumes de seu grupo ela foi
expulsa. Seria aceita de volta após o parto,
mas sem o fruto de seu ventre.

Apesar dos transtornos, desejava
profundamente aquela criança, e tudo faria
para criá-la com seu amor, ainda que, para
isto, tivesse que ser expulsa de seu grupo.

Começou por oferecer seus préstimos

em residências dos brancos, mas não encontrou em nenhuma a acolhida que precisava.

Todos tinham receios de complicações, pelo seu estado gestacional.

Logo estava mendigando na rua, para ter o que comer e escondendo-se, a fim de não sofrer sevícias dos malfeitores, na rua.

Chegou o momento de dar a luz, e foi conduzida a um canto escuro e infecto, onde aguardavam uma ambulância, para a transportar a algum hospital ou pronto-socorro.

Anahí estava fraca, anêmica, cansada, abatida, mas pensava no filho ou filha que logo nasceria.

Quando se ouviu o som da sirene, respirou aliviada.

Finalmente, fosse como fosse, teria a assistência, para si e para o bebê.

Os profissionais foram solícitos e prestativos, levando-a incontinenti para um hospital.

Foi levada à sala de parto, mas suas condições eram péssimas.

Os médicos temiam por si e pelo bebê.

Ela vacilava, entre a fé, que sempre a acompanhara, e o medo do que sobreviria.

Após algum tempo, desmaiou de inanição e, ao acordar, foi informada que a bebê, uma menina, não sobrevivera.

Chorou muito. Precisava dar um nome a recém morta e escolheu Tainá, que quer dizer estrela.

Sua estrela, segundo ela, se apagara, e saiu do hospital, sem ânimo para viver.

Pensou em voltar aos seus, mas estava magoada demais com tudo.

Ser expulsa quando mais necessitava de amparo, não era possível de os perdoar.

Deste modo, vagou pelas ruas, até que algumas pessoas a convidaram para se albergar numa casa confortável.

Achou que finalmente encontraria com gente bondosa, mas se enganara.

Fora aliciada para o comércio mais antigo e doloroso do mundo.

E, deste modo, se ingressou na prostituição, da qual não conseguia se desvencilhar.

Os dias se sucediam, e muitas foram as vezes em que pensou em escapar, pondo a própria vida em risco. Não conseguia, contudo.

Tentava contato com seu grupo,

pensando em voltar, mas não conseguia.

Apanhava, sofria sevícias de homens fortes e mulheres inescrupulosas, e era obrigada a vender seu corpo, sem amor, desejosa de que a morte a levasse.

Foi neste estado que recebeu um cliente da casa, onde se albergara, e onde passara a morar e a trabalhar.

O homem era rude, logo deu-se a conhecer como um caminhoneiro, que vivia pelas estradas, e que levava uma vida difícil e até perigosa, em alguns momentos.

Ele se chamava José e foi carinhoso e respeitoso com ela. Enquanto permaneceu na cidade, vinha vê-la todas as noites.

Teve que viajar e lhe trouxe um presente. Anahí sentiu por ele uma ternura que jamais imaginara voltaria a sentir por qualquer ser humano.

Chegou a pensar em perguntar-lhe se conhecia Sérgio, que nunca mais aparecera, mas depois concluiu que aquele passado precisava ser enterrado, de uma vez por todas, junto com sua pequena Tainá.

Mas José voltou antes de um mês.

Suas visitas a ela começaram a ficar mais constantes, e ele lhe declarou que a amava, coisa que ela não pensava merecer, e o que o destino lhe reservara.

Suguiu que ela fugisse.

Disse-lhe que a levaria a outro estado
do Brasil, onde, por certo, não a encontrariam os seus algozes, e ela poderia
reiniciar sua vida.

—Fugir! - esta ideia que já a envolvera,
parecia um Paraíso perdido.

Anahí a princípio rechaçou a ideia, por
envolver riscos, não apenas para ela, mas
para o jovem José, que a cativara com seus
modos e maneiras.

Se o pegassem, tentando levá-la,
poderiam matá-lo, ela não duvidava disto.

Já sofrera demais e aprendera, a duras
penas, a não confiar mais nas criaturas.

Por isto, rechaçou a ideia, mas, aos
poucos, José insistia e ela começou a
meditar mais seriamente sobre isto.

Mas ele teve que viajar, e ela ficou.

Uma noite, depois que ele se ausentara da casa, alegando que iria pegar as
estradas, ela fingiu se recolher, mas abriu a janela do quarto onde dormia,
fugindo, sem nada levar, além de alguns documentos.

Correu ao local onde pegaria uma
carona num caminhão, e rumaram para as
estradas, fugindo por algumas marginais,
para não serem interceptados.

Quando o sol surgiu já estavam longe e
continuaram rumo ao norte.

A jovem índia acabou em Santos, porto
paulista, sem dinheiro e sem saber como

faria. Aquele era um local que José citara, como seu refúgio, ou residência.

Novamente, sem abrigo, acabou nas mãos de gigolôs, que a levaram para um bordel.

Se José a procurasse no sul, não mais a encontraria. Achou que não deveria ter fugido sem ele.

Mas uma noite, ele veio ao seu encontro. Descobriria onde ela estava e lhe disse que a amava, e que ela precisava fugir com ele. Se casariam, constituiriam uma família.

Anahí não conseguia acreditar. A felicidade era imensa.

Deste modo, saiu do prostíbulo e foram para o sul, onde acabaram se instalando em modesta e singela vivenda, cheios de amor um pelo outro.

Queriam ter um filho, mas os exames médicos informaram que o problema gerado pelo primeiro parto, não lhe propiciaria uma nova gestação.

A dor não podia ser maior, porém, ambos tinham um ao outro e se amavam profundamente, tudo fazendo para a

felicidade um do outro..

Isto tudo acontecera, enquanto Inaiê

crescera no Amazonas, em seu grupo,

exigente e com regras bastante severas.

Embora as duas índias, uma nascida

no Amazonas e outra no sul do país não se

conhecessem, à noite, suas almas se

procuravam e entabulavam conversas,

embasadas em experiências anteriores, nas quais haviam se conhecido e convivido de

forma profunda e inesquecível.

A programação da vida atual de ambas estava interligada, por fios invisíveis e indissolúveis.

CAPÍTULO 04- TRAVANDO

CONTATO.

Muita gente passa um terço da sua vida adormecido, ou seja, dorme oito horas por dia.

No momento do sono, as criaturas mergulham no Mundo Espiritual, o mundo de

onde vieram, têm encontros com seres

encarnados e desencarnados, se defrontam

com situações que nos sonhos parecem

surreais e indecifráveis, de outras parecem

verdadeiras e reais, como os fatos em que

estão despertos, e isto tem efeito de

transformação em suas vidas.

É que somos almas imortais, fadadas à perfeição, com múltiplas personalidades, nas mais distintas existências, e com contatos milenares, com uma quantidade imensa de outros seres, que estiveram conosco, nestas romagens terrenas.

Deste modo, conquanto Inaiê e AnahÍ não se conhecessem, e tivessem apenas como elo de ligação o fato de serem índias brasileiras, eram dois espíritos que já se haviam conhecido num passado longínquo, que haviam participado de uma experiência muito inequívoca e envolvente, e que, desta relação, surgira um compromisso, uma promessa que seus mentores estavam auxiliando a se concretizar, de forma a mais clara e insofismável possível.

Deste modo, muitas eram as ocasiões em que ambas, desdobradas pelos instantes do sono, se viam e se reencontravam e plasmavam suas esperanças.

Numa destas noites, quando a pequena Inaiê adormeceu, se viu numa vivenda a que já comparecera, e que lhe era agradável e grata à alma.

À varanda da casa simples e térrea a esperava uma jovem índia, muito formosa, que ficou muito feliz por vê-la e em cujos braços ela se aninhou com alegria, num abraço saudoso, cheio de carinho.

—Minha irmã. Que bom vê-la novamente. Sabes que não deve existir entre nós mágoas, ressentimentos, ou quaisquer

entraves. O passado ficou para trás. A amo

como sempre, como antes ou até mais.

Conta-me o que tem feito, quais os sonhos,

os desejos.

—Sonhos, desejos? Foi isto que me

perdeu no passado. Hoje só penso mesmo

em recuperar todo o mal que lhe fiz e levá-la

à felicidade que merece, custe o que custar.

—Mas eu sou feliz. Tenho o amor da

pessoa que amo, e uma vida tranquila.

Passei por momentos de muito sofrimento,
que acompanhou de longe, sem nada
poder fazer, a não ser sofrer comigo e me
dar algum alento, mas tudo ficou para trás.

E o que tem feito? Como têm sido seus dias, e quais os desejos que a envolvem presentemente?

—Meu desejo é vê-la bem, devolver-lhe, de algum modo, o que lhe tirei no passado.

—Esquece o passado de uma vez. Viva o presente. Quero vê-la tão ou mais feliz do que eu.

—Foi por desejar a minha felicidade, que você foi infeliz. Não repita os mesmos erros. - falou Inaiê, brincando com os modos da outra.

—Não repita isto. Se eu pudesse faria tudo de novo. Não me arrependo de nada.

E a conversa continuava nestes termos, entre as duas, a jovem índia amazonense, demonstrando para com a jovem índia sulista uma dívida, um constrangimento inexplicável.

A vida de ambas seguia seu rumo, no dia a dia rotineiro e quase corriqueiro, mas tudo na vida tem razões que desconhecemos.

Num daqueles dias, Inaíê foi com seu grupo à aldeia, ou à cidade grande dos brancos, a fim de vender seus apetrechos ou trocar por panelas de ferro ou de alumínio e por outros utensílios que necessitavam.

Sabia que não deveria se deixar envolver pelos homens brancos, e nem se deixar enredar por nenhum deles. As mulheres e os homens mais velhos, bem como o feiticeiro da tribo eram bem claros, com relação à falta de confiança neles.

Estava na praça, onde esperava por alguns membros do grupo e se sentara à sombra de uma árvore para descansar da caminhada, quando um jovem surgiu à sua frente, sem que se desse conta de onde viera, e fez-lhe um galanteio.

Ela percebeu que ele se referia à sua beleza, pelos termos que usou, e fitou-o de frente, meio desconcertada.

Ao erguer os olhos levou um susto enorme. Tinha diante de si o mesmo jovem que vira, durante seu transe, no ritual de iniciação à vida adulta.

Parecia um sonho, algo surreal.
Não pretendia responder a estranhos, como aprendera com seu grupo, mas o susto que sentiu deve ter se expressado no rosto,

mesmo que o tentasse impedir.

–Calma. - falou o rapaz, percebendo-lhe a expressão de surpresa. E espanto. -Eu não mordo!

Inaiê levantou-se e ficou como que petrificada, observando aquele rosto já seu conhecido.

Nisto, as pessoas de seu grupo chegavam, com expressões familiares, trocando palavras em seu dialeto.

–Aconteceu alguma coisa? - perguntou a mãe, sentindo -a diferente.

–Não. -disse a juvenzinha. -Só estou cansada.

–Você é muito bonita. -comentou o rapaz, sem dar importância à chegada dos demais membros do grupo.

–Afastede-se dela! - falou a mãe de maus modos. - Ela não tem nada a ver com o senhor!

Levada pelos companheiros e familiares, Inaiê seguiu apreensiva. Jamais imaginara que um dia veria aquele rosto, que, de algum modo, a acompanhara no dia de sua iniciação.

À noite, ao desdobrar foi ao encontro da irmã e falou:
–Ele me encontrou, ou eu o encontrei.
Tudo segue seu curso.
–Não confie nele! - respondeu Anahí

apreensiva.

E, com a lembrança deste conselho, Inaiê acordou, pensando no moço que a abordara.

O que poderia explicar este sonho que ela finalmente lembrou, da jovem bonita a quem chamara de irmã, e de quem parecia esperar conselhos, e o encontro com o rapaz que vira durante seu transe?

Era como se tivesse duas vidas, uma, aquela que vivia em estado de vigília, acordada, e outra, que vivia num estado adormecida ou em transe.

Era difícil decifrar, já que ambas as coisas eram bem reais na sua cabeça e, naqueles dias, haviam se interligado de forma surpreendente e fantástica.

CAPÍTULO 05- INOCÊNCIA E PAIXÃO.

Outras foram as vezes em que, seguindo até a cidade, Inaiê viu o rapaz que a intrigara.

Percebeu-o dentro de um bar, onde os caminhoneiros se reuniam, e depois entrando e subindo na boleia de um caminhão, e deduziu que ele era um dos eventuais viajantes que passavam pela cidade, devido ao trabalho que executavam.

Deduziu que não o vira antes, porque não era morador na cidade, e que só vinha até ela a serviço, de tempos em tempos.

Deduziu também que ele era um homem viajado, que conhecia muitas pessoas e muitos lugares e que, por isto, mais do que os demais, era digno de sua desconfiança e cuidados, e prometeu a si mesma que obedeceria os conselhos que ouvira em sonhos de sua "irmã", e de que não se aproximaria dele.

Apesar disto, o rapaz passou a se intrometer em seus pensamentos, mesmo quando estava à distância segura da cidade, e mesmo que achasse que não voltaria a vê-lo de novo.

Sonhava com ele numa constância perturbadora e, por isto, pediu ao feiticeiro da tribo que fizesse alguma coisa, porque não

estava dormindo direito e tinha pesadelos.

–Que espécie de pesadelos? - quis saber o xamã.

–Que estou sendo perseguida e não

consigo me libertar, por mais que tente.

O homenzinho colocou nela os olhos

inquisidores, demonstrando que ela não lhe

revelara tudo, mas, mesmo assim, tratou de

preparar os apetrechos que usava, no auxílio

de quem, no grupo, estivesse perturbado.

Inaiê achou que aquilo bastaria para

libertá-la dos pensamentos fixos naquele

homem branco, que ela não conhecia e nem

desejava conhecer.

Realmente, após o trabalho do feiticeiro, ela sentiu algum alívio no que vinha sentindo, e aquilo a deixou feliz.

No entanto, numa nova viagem, o jovem se aproximou dela e insistiu em que aceitasse um presente, um lindo pente espanhol, que lhe entregou em regalo.

Ela já aprendera que o homem branco

difícilmente dá algo, sem esperar receber outra coisa em troca, e quis recusar, mas por mais que tentasse lhe devolver o objeto, ele não pegava o mesmo e, de repente, esquivando-se dela a rir, sapecou-lhe um beijo no rosto.

Com este gesto, ela se pôs rubra como

uma romã, e deu um salto para trás, olhando-o com espanto.

–Não lhe arranquei nenhum pedaço! - falou o moço, mangando ainda mais dela, o que a indignou, fazendo com que atirasse o pente em sua direção, demonstrando que não aceitava o presente.

–Você é uma bugra selvagem! -gritou o

rapaz, usando o termo pejorativo que os

brancos tinham para com as pessoas de seu grupo .

Aquilo a indignou demais e, sem mesmo pensar o que fazia, ela cuspiu ao chão, num gesto que jamais tivera, em sinal de desprezo.

O rapaz entendeu o gesto e, num arroubo desnecessário e irracional, puxou-a para si e a beijou nos lábios de forma ardente e, para ela, devastadora.

lnaiê saiu correndo, à procura dos membros de seu grupo, e decidiu que não falaria com ninguém sobre o que ocorrera.

No entanto, a partir de então, os sonhos se ampliaram, e seu coração disparava a cada vez que via o rapaz.

Um dia, novamente no mesmo banco da praça, ele se aproximou e falou:

–Meu nome é Raul. Quero me desculpar com você. Entende o que eu falo? Não foi legal o que eu fiz. Mas, puxa! Eu só queria te dar um pente bonito, para você pentear os cabelos, e não esperava que ficasse tão brava por isto. Diga que me desculpa. Me diga seu nome.

–Meu nome é lnaiê. - deixou escapar a juvenzinha, embora seu pensamento era que não falasse com ele, nem o deixasse se aproximar de si.

A partir deste dia, passaram a trocar olhares, palavras, gestos e foram se aproximando.

Por mais que ela pensasse racionalmente em se afastar dele, agia de forma contrária, aproximando-se, permitindo que ele lhe falasse, depois a tocasse, e por fim, passou a se encontrar com ele às escondidas.

Aos poucos se apaixonou, confiou nele, sonhou em fugir de seu grupo com ele, sem nem mesmo imaginar para onde iria e que vida levaria.

À noite conversava com a irmã, que lhe declinou sua dolorosa experiência com outro caminhoneiro, apesar da vida que levava agora com outro, mas ela não ouvia os seus conselhos e chegou a se indispor com o espírito, que a chamava carinhosamente de irmã.

Estava encantada, apaixonada, e sua vida passou a girar em torno do jovem Raul, sem pensar nas consequências daquela escolha que parecia desastrosa.

Pelo contrário, pensava que, se o vira durante o seu transe, era porque ele tinha algo a ver consigo, que deveria, por força, fazer parte de sua vida e de seu destino.

Tudo para Inaiê era encantamento e sonho.

Fugia de seu grupo para ir ter com ele, no mato, onde quer que pudesse sentir sua

presença e seu amor.

Porém para o jovem, aquilo era apenas uma aventura exótica. Temia que os índios o

perseguissem, se descobrissem e, em nenhum momento, pensava em se envolver pra valer com a juvenzinha, embora a achasse muito bonita e sentisse muito prazer em estar junto dela.

Os dois jovens sentiam muito agrado em estar junto, e ela nem pensava em outra coisa, além de estar com ele, de viver sua vida junto de Raul.

Para ele era uma aventura, para ela era o amor de sua vida. Não demorou muito e a inexperiente

juvenzinha se reconheceu grávida.

Sua gente não aceitaria aquela condição.

Pelos seus costumes, ela seria expulsa da tribo, teria que ir embora, e só poderia voltar quando se livrasse da criança, e, assim mesmo, sozinha.

A única solução seria Raul aceitá-la como companheira e levá-la consigo, aceitando a vinda do filho de ambos.

Imaginou que, se ele a amasse, como dizia, ficaria feliz com o que acontecera, e, quando lhe revelou o estado em que estava, teve o dissabor de verificar, pela expressão

facial dele, que a notícia não fora bem recebida.

Raul foi delicado com ela, e prometeu

que falaria com seu grupo, que faria com que

eles aceitassem a ligação de ambos, mesmo que o casamento tivesse que ser feito pelas leis dos brancos.

A noite entre eles foi de muito amor, mas, no dia seguinte, ao procurá-lo, soube que ele viajara, sem deixar o destino para onde fora.

Inaiê entendeu. Raul fugira dela e do

filho. Como viveria dali para a frente?

Deveria ter ouvido os conselhos de sua irmã dos sonhos.

CAPÍTULO 06- GRAVIDEZ.

Durante muito pouco tempo, Inaiê pôde esconder o estado em que se encontrava.

As índias tinham um modo peculiar de perceber a gravidez dos membros de seu grupo, e logo ela não pôde mais esconder o que lhe acontecia.

Foi chamada a se explicar, declarando quem seria o pai da criança em gestação, mas não tinha nenhum membro do grupo que se prontificasse a auxiliá-la, se declarando pai do bebê, e ela também não mentiria à sua gente, com respeito a isto.

Sabia o que significava, quando

dissesse que um homem branco a engravidara, mas não houve jeito.

Acabou por contar o que lhe acontecera e foi constrangida a abandonar sua morada, sua família, sua gente, seus amigos e ir embora para a cidade, onde os seus não a auxiliariam em nada.

Deixou sua mãe e amigas chorando e se dirigiu à cidade. Não sabia a quem recorrer.

Passou algumas noites nas ruas, se escondendo de predadores, e se oferecendo para trabalhos domésticos.

Chegou a trabalhar num comércio, onde lhe propiciaram também um abrigo, mas isto não durou muito tempo.

Já com a gestação mais evidente, uma tarde, em que chegou a pensar em se atirar nas águas do rio e dar cabo da vida, uma freira se aproximou, tentando um diálogo.

Não demorou muito, e a irmã de caridade fez com que ela acabasse por contar a situação em que se via.

Não sabia o que fazer, mas a senhora com carinho lhe informou que tinha um local, onde ela poderia se abrigar, até o final da gestação, e também ter assistência para poder ter seu filho.

Aquilo a deixou abatida, sentia-se uma

idiota, caíra na lábia de um homem sedutor, e não ouvira os conselhos das mulheres mais velhas de seu grupo.

Desde menina, fora alertada para as maneiras do homem branco, para suas artimanhas, para os perigos a que se expunham, aqueles que confiavam nele.

Não eram poucas as histórias ouvidas em seu grupo, e ela esquecera tudo o que aprendera, para confiar em alguém que não a merecia, e agora estava naquela situação e mais, punha na mesma situação uma criança, que haveria de crescer sem seu pai.

Inaiê não sabia mais o que fazer, dentro de tudo o que aprendera, e da maneira. como se portara, e na situação em que se encontrava.

A irmã de caridade parecia sincera. O pior que poderia acontecer, era lhe tirarem o filho, mas ela sabia que, se naquela situação não conseguia se valer, como haveria no futuro de cuidar de si e da criança que levava no ventre?

Por certo, para voltar à sua gente, teria que abrir mão da criança.

Então, era melhor abrigar-se, para dar ao menos ao filho mais força, para vir ao mundo.

Quase que mecanicamente seguiu a missionária até uma ampla vivenda, onde

pôde repousar, alimentar-se e cuidar da higiene pessoal.

Outras meninas, quase que da mesma idade, viviam ali, enfrentando a mesma situação de abandono e desesperança.

Aos poucos, as freiras declararam que podiam colocar os bebês em casa, onde receberiam educação e amor, com casais que não podiam biologicamente gerar filhos.

Ela chegou a pensar se aquelas missionárias comercializavam os bebês, mas depois, ao receber a solicitude das mesmas, envergonhou-se de pensar isto, porque sua gente achava que os brancos só visavam mesmo dinheiro.

Talvez fosse melhor entregar a criança que chegaria. Pelo menos estava num local, onde podia usufruir de algum conforto, sem os riscos que correria na via pública.

Desistira de encontrar Raul, e não o odiava, apenas uma dor imensa se apoderava de sua alma, toda a vez que se lembrava dele.

As freiras e as outras jovens tentavam conversar com ela, algumas se abriam,

contando suas histórias, mas ela preferia
guardar-se num silêncio dolorido e
internalizado.

Lembrava as noites em sua oca, com
sua mãe e seus irmãos, de suas amigas, das
tias mais velhas, do feiticeiro que a batizara,
das festas, do ritual, e, quando a lua cheia
vinha, a dor parecia maior.

Seu coração repetia o som dos
tambores, das businas, dos chocalhos, e sua
alma mergulhava numa tristeza sofrida pela
maneira como fora abandonada, seduzida,
enganada.

O tempo passava, a barriga crescia, foi
examinada por um médico, que evitou tocá-la, por perceber seus modos
acanhados,
medrosos, percebendo a cultura diferente, e
como podia criar nela algum temor maior.

Sentia muita gratidão pela irmã que a
recolhera da rua, e procurava saber mais
sobre a vida que ela tinha ali, toda dedicada
às outras jovens, e não conseguia entender
muito o porquê daquela escolha, daquele tipo de vida, com gente que não
eram nem seus parentes, numa casa que também não era sua.

Percebia que havia muita coisa neste
mundo que desconhecia. Saindo de seu

grupo, encontrava alguém por quem se apaixonara, vira coisas nos dias que ficara ao relento perigosas, se escondera, e aí alguém lhe estendera a mão.

Era difícil de entender o mundo fora de seu grupo, onde as regras pareciam misturadas, estranhas, incompreensíveis.

Se ao menos pudesse voltar à sua gente, com seu filho nos braços! Como desejava isto, mas sabia que era impossível, e procurava forçar a mente e o coração na certeza de que, se ele nascesse bem, teria que abrir mão dele. Talvez devesse entregá-lo à freira que a recolhera. Irmã Clara, era meiga e bondosa, todos gostavam muito dela e vivia sempre ocupada, trabalhando, buscando recursos, fazendo enxovaizinhos para os bebês que chegariam, e procurando também uma colocação para as jovens mães, quando tivessem que sair dali.

Numa das poucas vezes em que haviam conversado mais particularmente, Inaiê contou-lhe que pretendia voltar à sua gente, tão logo o bebê tivesse nascido, e que, pelos costumes de seu povo, ela podia

voltar, mas a criança não seria recebida em sua tribo.

A jovem freira parecia já conhecer aquela regra estranha e absurda, mas, mesmo assim, perguntou-lhe o que ela faria, se abriria mão de seu filho ou filha, e ficaria na cidade, procurando emprego, ou voltaria para sua gente.

—Tenho que deixá-lo com alguém, que me inspire confiança. Pretendo voltar para minha casa. Não me sinto segura na cidade dos brancos, nem posso. Foi um homem branco, em quem confiei, que me colocou nesta situação.

Irmã Clara não falou mais nada, apenas lhe disse que podia contar com ela, e que faria tudo o que pudesse, para auxiliá-la.

Os meses foram se passando e chegou o momento do nascimento da criança.

Ela desejava ter o bebê, segundo seus costumes, mas foi encaminhada a um hospital, onde encontrou o médico que a vinha acompanhando, na instituição que a acolhera.

Estava assustada e abatida, chegava

mesmo a desejar que, após a criança nascer, pudesse morrer, sair deste mundo que tanto a machucara, mas, apesar do temor, da diferença das circunstâncias do parto, a criança não lhe causou dificuldade para vir à luz.

Em pouco tempo, ouvia o vagido de um recém-nato, que chorava a plenos pulmões.

—É um menino forte e bonito. - disse-lhe o médico com voz agradável. Parabéns.

—Porque sua mãe, seu pai, seu povo, não podiam também ficar felizes, e dar-lhe os parabéns?

Inaiê tomou a criança com um amor imenso e incontido, e chorou convulsivamente.

Após dois dias voltava à instituição, e tinha que se decidir sobre qual rumo tomar. Irmã Clara a envolvia em muita ternura

e compreensão, e ela decidiu que, apesar de

saber que teria que dispor do menino, ao qual deu o nome de Cauê, ainda queria tê-lo mais um tempo, junto a si.

No entanto, as regras na instituição eram claras.

Uma vez tendo dado à luz, a mãe estava dispensada da assistência e teria que sair dali, podendo apenas deixar a criança para adoção, se não pudesse cuidar dela.

Deste modo, ela juntou alguns pertences que ganhara durante sua estada, o enxoval da criança e, despedindo-se da irmã, que lhe disse informalmente que a

procurasse, se acontecesse algo, ou se quisesse dispor do bebê, ela se retirou,

dirigindo-se à praça da cidade, onde
conhecera Raul, e onde começara toda
aquela história de vida.

Viu nas proximidades parte de sua
gente, e uma das crianças veio falar com ela,
fazendo festas para o bebê nos seus braços.

Inaiê estava amparada por entidades
que eram seus familiares mais diretos, e
também por mentores, que a vinham
amparando, dentro das possibilidades
encontradas, e que a haviam levado
praticamente para a instituição, onde pudera
permanecer por algum tempo, resguardada
das vilanias que certamente teria que
enfrentar, se continuasse nas ruas.

Logo a criança que se aproximara foi
chamada, e acompanhou os demais membros de sua família, e ela se sentiu
novamente desamparada e só.

—Afinal, - pensou- por que tinha que ser assim, tudo tão difícil? Por
que nunca fora preparada para viver longe dos seus, ter meios de
subsistência para si e para o bebê,

cujo amor sentia crescer dentro de si
mesma?

Descansou num banco, ao pé de uma árvore, e sentiu que logo cairia
a chuva que sempre era esperada, após o almoço.

Olhou em torno, pensando em onde poderia se abrigar.

Talvez no templo, onde as pessoas oravam para seus deuses.

Buscou refúgio no local, sentindo

dentro de si mesma um constrangimento e uma reverência estranhos, por aquelas imagens que apareciam nos nichos, que ali se encontravam.

Sentou-se num banco e examinou as poucas pessoas que, naquela hora do dia, haviam entrado no local, e oravam e acendiam velas.

Aprendera algo dos costumes dos brancos, naquela instituição que a havia recolhido, e sentia agora respeito e gratidão por aquela cultura, que não era a sua.

O silêncio era diferente de tudo o que havia no seu grupo, com as festas, as danças, as canções, os instrumentos musicais.

Mas os brancos que ela tinha em péssima conta, desde que Raul a deixara, a haviam recolhido, quando os seus a haviam expulso de sua casa, de seu convívio, no momento em que mais precisava deles.

Não conseguia entender o remoinho de pensamentos desencontrados que a envolviam mesmo, ressentimento, mágoa e tristeza que a tomavam de assalto.

No entanto, o ambiente da igreja era harmonioso e as entidades que desejavam auxiliá-la, mais esclarecidas sobre os eventos que envolviam a jovem mãe e seu filhinho, trataram de serenar-lhe a alma, atordoada com os acontecimentos e com as dores morais que a acicatavam.

Inaiê foi ficando mais calma, enquanto a chuva torrencial caía lá fora.

Lembrou-se de como gostava de tomar a chuva diária, naquele calor sufocante, das brincadeiras com seu grupo, durante a queda d'água do céu, mas agora não podia permitir que o bebê se molhasse, porque poderia adoecer.

Olhou o pequenino, que ressonava tranquilo em seu colo, sem perceber a dor que lhe ia na alma, e falou baixinho, para que ele ouvisse, como se isto o acompanhasse por toda sua vida.

–Eu te amo, sempre te amarei e nada nem ninguém vai te magoar, ou ferir, porque meu amor te protegerá e estará sempre contigo, haja o que houver.

O ruído da chuva passava e as

pessoas deixavam o recinto, mergulhado numa espécie de penumbra.

Quase que automaticamente, Inaiê levantou-se e saiu para fora do recinto religioso, levando sua dor e seu filho.

Lá fora, o ar estava mais fresco e

agradável. Dirigiu-se ao banco da praça e amamentou a criança, aconchegando-a junto de si.

Quando ergueu os olhos viu um

caminhão que estacionara, diante de uma lanchonete.

Era muito parecido com o caminhão de Raul, e uma esperança brilhou em seu coração.

Ajeitou a criança e dirigiu-se ao veículo.

Quando chegou perto da porta do motorista, viu que se enganara.

Teve vontade de chorar e as pernas como que bambearam.

Nisto, o dono do caminhão se

aproximou, estranhando seus modos:

–Está tudo bem com a senhora?

Ela fitou o homem jovem e robusto, queimado de sol à sua frente. Não era Raul.

Resolveu perguntar-lhe se ele conhecia o jovem por quem se apaixonara.

–Desculpe. Não o conheço, infelizmente. O que ele é seu?

–Ele é o pai do meu bebê, mas foi embora e não voltou. Me abandonou. - falou ela num fio de voz.

–E por que não volta pra sua casa? Sua gente? - falou o homem penalizado,

–Por que eles permitem que eu volte, mas sem meu bebê.

–Mas isto não está certo. A criança não tem culpa do que está acontecendo. A senhora me desculpe. Como posso ajudar?

–O senhor é casado? Tem mulher? Tem filhos?

—Tenho uma mulher, ela também é índia, mas nossa casa fica no sul do país.

Infelizmente, minha mulher nunca poderá me dar um filho. - falou o senhor, observando a criança com carinho.

Foi um segundo de quase loucura, de ímpeto, de envolvimento estranho.

Inaiê sentiu que aquele homem poderia dar ao seu filho o amor que o pai legítimo lhe

negara.

—O senhor vai me achar desumana, sem coração, mas sua mulher não pode lhe dar filhos, ela ficaria feliz de cuidar deste menino, como se fosse dela?

—O que você quer dizer com isto?-falou o homem com emoção e susto na voz.

—Quer se tornar o pai deste menino, e levá-lo para sua casa, amá-lo e cuidar dele?

—O que está dizendo? As coisas não podem ser assim. Temos leis, é muito difícil adotar uma criança.

—Basta que o senhor o leve embora consigo, que consiga os documentos e o registre. Esta bolsa tem o enxoval que ganhei das freiras para ele. O senhor vai embora e o leva em seu caminhão.

O homem a olhava, sem acreditar no que ouvia.

Apesar da dor daquela quase menina, diante dele, seu oferecimento era algo que lhe parecia um milagre, para ele e sua mulher.

Tudo aquilo era uma loucura. Poderia
ser preso por isto, mas não queria pensar em
nada, somente nos olhos de Anahí, quando o visse chegar com a criança,
quando lhe
contasse como tudo acontecera.

Anaiê beijou a criança adormecida e
entregou-a aos braços do caminhoneiro.

Olhou-o nos olhos, passou-lhe a sacola e pediu baixinho:

—Ame-o muito. Cuide dele por mim. o pai dele ... também era um
caminhoneiro.

Virou e foi saindo dali, em direção ao caminho que a levaria de volta
ao seu povo.

O jovem olhava para o recém-nato como que hipnotizado, inebriado.

Abriu a porta do caminhão e colocou o bebê no assento da cabine,
com cuidado.

Subiu para o local do motorista, olhou à volta , parecia
que ninguém houvera percebido a cena da qual fora protagonista.

A jovem mãe da criança não estava mais à vista.

Lembrou-se de amigos que tinha e que poderiam auxiliá-lo a
registrar o bebê, em seu nome e no da esposa querida.

Não via a hora de chegar em casa.

Deus lhe dera um presente, da forma mais inusitada e inesperada
possível, e só isto importava, naquele momento.

José se decidira. Nunca imaginara que aquilo pudesse acontecer, mas acontecera, e ele só pensava em chegar em casa, o mais' rápido possível, mas tomando todos os cuidados com a criança.

Parou em um mercado e comprou leite em pó indicado para recém-nascidos.

Tinha uma longa viagem de volta. Olhou dentro da bolsa, onde mudas de

roupa, mamadeiras e fraldas indicavam o

que precisaria, e rogou a Deus que soubesse cuidar da criança e chegar são e salvo com ela de retorno à sua casa.

CAPÍTULO 07- RETORNO A TRIBO.

Anaiê sentia-se morrer de tanta dor e tristeza .

Pensava, contudo, em meio ao seu desespero atroz, que fizera o melhor pelo seu filho, que ele teria um lar, com um homem que era semelhante a Raul, mas que era bom e sensível, e que o amaria.

Que ela estaria fazendo outra moça feliz, já que para ela tudo fora impossível.

Agradecia por ter tido um menino sadio e bonito, que o acompanharia em sonhos, se assim lhe permitissem, que sempre o amaria.

Sentia como se houvesse morrido, a alegria se esvaía dela.

Como poderia viver com aquela dor, com aquela perda, com aquele sofrimento?

Que escolha tivera? Nenhuma. Jamais

se perdoaria, mas também jamais perdoaria
seu grupo, nem seus deuses, que não
a haviam protegido.

Não tivera escolha. Que ao menos seu
menino fosse feliz, que sua renúncia o
pudesse, de algum modo, dar fortuna, dar
alegria, uma vida boa e tranquila.

Dirigia-se a seu grupo, sua aldeia, e
sentia que nunca mais veria seu pequenino
filho.

Seguia automaticamente, como se a vida tivesse abandonado seu
corpo, como se

nada mais importasse.

Caminhou por longas horas, sem parar
para descansar, sem tomar água ou alimento.

Quando avistou o cenário de toda sua
vida, percebeu que as crianças iam à frente,
avisar os adultos de seu retorno.

Chegou ao centro do local e, antes de
se dirigir a oca dos seus, caiu quase sem
vida ao chão.

Todos correram para socorrê-la, mas
ela parecia que não ia mais dar acordo de si.

Sua mãe, suas amigas, o chefe do
grupo, todos a cercaram de carinho e apoio,
percebendo que ela voltara sozinha e podia,
portanto, ser novamente recebida em seu

seio.

Perceberam que estava abatida e mal nutrida, e tentaram alimentá-la, mas ela não dava acordo de si.

—É como se sua alma tivesse partido, abandonado este corpo. - falou a mãe desesperada, aconchegando-a junto ao coração, como se, deste modo, fizesse com o que o coração de Anaiê tomasse conta da situação.

O feiticeiro percebeu que um grande abatimento tomara conta dela, e pegou os objetos de seu ritual, as maracas, as máscaras, os guizos e chocalhos, o pito e pediu para que a levassem para a oca, onde deu início a um longo cerimonia de ressuscitação.

Todos participavam com preocupação e carinho. Nem pareciam mais as mesmas pessoas que haviam há meses expulsado a jovem, segundo seus costumes.

Como o ser humano é contraditório, a mesma mão que acaricia, apedreja, a mesma boca que louva, amaldiçoa, a mesma criatura que se faz compreensiva e

amiga, se torna vilã e algoz.

Tem sido assim, em todas as épocas e
em todas as culturas.

Multidões se impactam e unem com um sinistro havido há distâncias descomunais, a uma criança, a alguém que mal conhecem, e, diante de eventos que podem levar milhões à morte, as criaturas se fazem surdas, cegas e insensíveis.

Como é difícil entender este ser,
considerado a maior criação, a maior
inteligência do planeta, diante das ações
desencontradas que perpetrou através dos
milênios, em várias culturas e civilizações.

Parece que ele, herói da conquista da
inteligência, continua a ser o maior predador,
o maior criminoso, seja numa extensão
familiar, pequena, ou numa dimensão maior,
intervindo na vida de milhares de outros seres iguais a ele.

Mas a juvenzinha não estava
preocupada em filosofar sobre as misérias e as contradições humanas,
mergulhara num

marasmo de dor tão potente, tão forte e
avassaladora, que sua alma acompanhava
apenas o caminho que o pequeno bebê
fazia, na boleia do caminhão de José.

Ele também mal podia crer no que
estava fazendo, passando por cima das leis,
correndo risco de ser apanhado, preocupado

com a viagem, se a criança tão novinha
sobreviveria.

Lembrava-se de um médico, seu amigo, e da esposa, o mesmo que
informara a Anahí que ela nunca poderia ser mãe.

Teria aquele doutor a sensibilidade de
entender e aceitar o que estava
acontecendo, e legitimar a criança, como se
fora sua e da esposa querida?

Ele não queria pensar numa negativa
do facultativo.

Encontraria alguém, faria qualquer
coisa.

Não podia duvidar que aquele evento,
aquela benção, dádiva, aquele filho era uma
dádiva de Deus em seu caminho. Ele não
forçara nada, ele nem mesmo pedira para
que aquilo acontecesse, ele não tinha a
menor ideia do que empurrara a jovem mãe em sua direção, e porque ele,
loucamente,
aceitara seu oferecimento.

Não queria pensar no sofrimento dela,
coisa que não pudera deixar de perceber.

Não queria pensar, para não se arrepender
da loucura que estava fazendo.

Seriam dias de viagem. Pararia para
descansar durante o percurso e diria que a
criança era sua, se alguém perguntasse.

E que nome lhe daria? Não perguntara à jovem mãe. Talvez ela tivesse lhe dado um nome indígena, mas para ele, aquele filho teria seu nome, queria que fosse o seu "Junior", sua presença depois que ele partisse do mundo.

Tinha certeza de que Anahí concordaria. Ela não o recriminaria pelo que estava fazendo. Ela, certamente, ficaria tão feliz, quanto ele estava.

Ainda bem que o dia estava lindo e que a estrada estava boa, sem as inundações que atrasavam a viagem.

Quase pegara um carregamento, para aproveitar o retorno. Ainda bem que não fechara o negócio, porque agora só pensava em chegar em sua casa, em contar à esposa o que acontecera, e lhe dizer que aquilo era a mão de Deus em suas vidas.

Quando dava uma parada, para trocar as fraldas do bebê, para limpá-lo ou para dar-lhe a mamadeira, ficava encantado com a beleza do pequerrucho, com a perfeição de seu rostinho, de seu corpo, com os cabelos negros, os olhinhos, a boca bem formada.

–Meu filho. - pensava enlevado e temeroso, ao mesmo tempo. - Meu filho!

Mal podia crer no que estava

acontecendo.

Pensou em ligar para a esposa e lhe contar, mas depois achou melhor não criar ansiedade, nem expectativas nela.

E se ela não aceitasse a criança? Impossível, Ela sempre deixara perceber o quanto triste estava, por não poder dar-lhe um filho, ser mãe.

Então, diante do que sabia, de quanto a amava e conhecia, aquele pensamento

absurdo não tinha razão de ser.

Por certo, ela ficaria tão ou mais feliz do que ele.

Então, o que tinha a fazer era tomar cuidado para chegar bem e o mais rápido que pudesse à sua cidade, à sua casa, e, uma vez lá, sem nenhum transtorno no percurso, tratar de colocar tudo em ordem, fazer a documentação da criança.

E depois, como faria no futuro? Deveria contar ao menino como e de que forma ele viera a ser seu filho?

Isto ele teria que decidir, mas não o faria sozinho. Afinal, ele era o pai do menino, mas a esposa seria sua mãe e também tinha o direito de decidir.

Cada coisa a seu tempo. -pensou rindo

de si mesmo.- Estava antecipando problemas.

Durante o percurso, deu tratos a bola, imaginando como agiria se o médico, seu amigo de longa data, se negasse a agilizar os documentos da criança, como seu filho legítimo.

E, então, como se o legitimasse, e, mais do que isto, porque o cuidasse e amasse como se fosse fruto de si mesmo, por que deveria lhe contar a verdade sobre seu nascimento? Nem anotara o nome da mãe, de que tribo era, e talvez um dia ele pensasse em saber quem ela era, quem fora seu pai.

Ficou zangado que, ao invés de se concentrar no percurso, nas paradas para descanso, e no bebê, ficasse matutando preocupações, que não tinham razão de ser.

Afinal, quando em Santos, se decidira por levar a mulher amada embora consigo, para o sul, arrostara os perigos que tinha que enfrentar, diante dos bandidos que a tinham aliciado e aprisionado à prostituição, sem medir consequências maiores ou temores, e agora, diante de algo tão bonito, tão maravilhoso que lhe acontecera, ficava

"criando caso", "minhocando" ideias

estapafúrdias, como se fosse um garoto

inexperiente e bobo?

Afinal, ele já enfrentara na vida uma série de problemas, trabalhara desde menino, junto ao pai e aos irmãos, jamais causara problemas à família e aos amigos, que granjeara com seu jeito firme e tranquilo, ao mesmo tempo.

Com chuva, com sol, com dificuldades e perigos, enfrentava dissabores e questões graves pelas estradas do Brasil, sem receios vãos, e sempre se saíra bem de todos os casos que tivera que enfrentar, e que não haviam sido poucos, neste mundão de meu Deus.

Tudo daria certo. Tudo estava caminhando com a mão de Deus por trás.

Sempre agradeceria à jovem mãe que confiara seu tesouro a ele, sempre haveria de orar pela felicidade dela, mas também sentia que nunca mais contrataria um serviço para aquelas bandas, para não correr o risco de tornar a vê-la.

Ficava triste, quando meditava no rosto sofrido da juvenzinha índia, e no esforço que fizera para lhe entregar aquela criança.

Quando pensava nela, pedia a Deus mentalmente perdão por ter aceito seu oferecimento.

Mas se não fosse ele, podia ser outra pessoa.

Pelo menos, ele amaria o pequenino, aliás, já o amava, parecia que até mesmo já o amava, antes de o ver pela primeira vez.

Já ouvira dizer que havia pessoas que vendiam bebês, que faziam coisas horríveis com as crianças, e, por certo, como a mãe não podia ficar com ele, pelo menos ele estaria junto com pessoas que o haviam

de proteger, amar e preparar para viver neste mundo louco.

Quem sabe até ele poderia sair daquela profissão, que gostava tanto, mas que era tão sacrificada, e se dedicar a algo parecido, como consertar caminhões e carros, já que entendia tanto do assunto.

Podia fazer um curso profissionalizante, montar sua oficina, ou montar um negócio de entregas, ou uma loja de equipamentos?

Não podia voltar a Amazônia, e não queria arriscar de encontrar a mãe do seu pequenino Zèzinho, nem colocar em risco

aquela adoção.

–Minha cabeça está criando problemas

que nunca pensei ter um dia. Preciso ficar

calmo, e não me perder por coisas que não

devem me preocupar.

Mas as ideias insistiam:

–E se ele não gostar de mim, de nós? Se se transformar em alguém revoltado, sem rumo, sem norte?

–Lá vou eu de novo colocar o carro na

frente dos bois. Que idiotice! Espero que

Anahí seja mais equilibrada, que não fique

criando caso, com algo que é tão

maravilhoso, em nossas vidas.

–E se ela não aceitar? - voltava a

cabeça a criar preocupações.

–Claro que ela vai ficar tão ou mais

contente do que eu. Por que, se assim não

for, é sinal que eu não a conheço nem um

pouco.

Os amigos espirituais, percebendo
quanto a ansiedade estava minando a

resistência do jovem caminhoneiro, fizeram com que parasse em uma
pousada, à beira da estrada e repousasse durante a noite, mas ele, até para
tomar banho, tinha receio de deixar a criança um pouco sozinha, como se
alguém o pudesse roubar.

Não eram apenas temores de um pai
de primeira viagem, mas ecos longínquos, de
um passado muito remoto, que insistiam em
verberar em sua alma.

Enquanto isto, Anaiê oscilava entre os
dois mundos, acompanhando de perto o filho
recém-nato, e cobrindo-o com seu amor e sua doçura, sem vontade de
retornar ao corpo e viver.

Os familiares se revezavam ao seu
lado, danças e canções a embalavam, a
comida era forçada entre seus lábios, a
água, para a sedentar, mas ela não dava
acordo de si.

—Ela quer morrer. - dizia o feiticeiro,
reconhecendo os sinais de abandono da
jovem mãezinha.

Fizeram uma cerimônia para evocar os
antepassados, os guias da juvenzinha, e,
com isto, ela abriu por instantes os olhos e
balbuciou algumas palavras, que mal

conseguiram entender.

Levaram-na, então ao rio, no local onde fora batizada, e, após uma cerimônia de renascimento, o feiticeiro a mergulhou

novamente nas águas.

Ela abriu os olhos, mas era como se não visse ninguém, parecia ausente.

—Ela vai retornar para nós. - disse o feiticeiro, seguro do que dizia e de seus conhecimentos.

Diante disto, sua mãe a abraçou e chorou muito. Seu pai e seus irmãos a carregaram de volta à oca, à sua rede.

À muito custo, ela aceitou tomar uma cuia de água fresca.

O feiticeiro a bafejou com a fumaça de seu pito.

Aquilo pareceu incomodá-la, tirá-la da inércia total em que se arrojara.

Tossiu um pouco e lhe trouxeram um caldo, que conseguiram fazer com que engolisse.

Seu olhar havia perdido o brilho que tinha antes.

Ninguém lhe perguntou do filho que esperava, e ela permaneceu muda e como que desligada de tudo.

Até o momento em que mergulhara nas águas do rio, estivera acompanhando seu filhinho, na viagem para o sul, ao lado de

José e pode perceber o amor que aquele
homem desconhecido sentia pelo menino.

Ao mesmo tempo, sintonizava Anahí e sabia que, por algum motivo que não entendia, a tinha como uma irmã, a quem devia muito, a quem devia até mesmo o filho que viera à luz, através dela.

Fora obrigada a voltar ao corpo, com
as preces, cânticos, abluções e rituais de seu
grupo, mas não estava feliz. Jamais se
sentiria feliz novamente.

Inconscientemente só pensava que a
única felicidade que ainda poderia ter, era
poder às vezes estar de novo junto ao filho,
acompanhar-lhe o crescimento, a vida, as
alegrias e as tristezas, e, se possível, ajudá-lo ainda que ele jamais a visse,
ou soubesse
dela.

Era uma certeza, como que uma
loucura dentro de si mesma, a quem os
homens haveriam de encontrar explicações,
mas que ela mesma jamais entenderia.

Tinha um filho, que gerara com muito
amor, tinha um filho, e ele era sua alegria e
sua dor, seu elo de ligação com o mundo e
sua perda irreparável, sua perda e sua
salvação.

Tornou-se claro a todos que Anaiê não

era mais a alegria e doçura de todos e de seu grupo.

—Ela parece que não está mais aqui. -

comentou a mãe com os irmãos e os filhos.

—Vamos esperar que ela volte, que se recupere. - falou seu pai e o feiticeiro concordou.

Inaiê os ouviu, registrou o que diziam, mas para ela, nada mais tinha importância.

Jamais voltou a sorrir, e era admirável que recomeçasse seus afazeres, que se se dedicasse a eles, porém, de forma automática, sem entusiasmo, sem vontade, sem alegria.

Em vão sua mãe fez oferendas aos antepassados, e à mata e aos rios, e ao vento.

Em vão os xamãs vieram e fizeram seus rituais.

Era como se sua alma não estivesse mais ali.

Sua mãe tentou dialogar, perguntando, querendo saber o que lhe acontecera, enquanto estivera fora, se o bebê nascera, o que fora feito dele.

Mas a única resposta foi um olhar dolorido, que mergulhou no seu e o silêncio. Resolveu que pediria a um dos filhos

para procurar saber o que acontecera com a filha, enquanto estivera na cidade.

Ele foi e trouxe poucas informações, sobre a instituição onde ela se abrigara, irmã Clara lhe contou da tristeza da jovem, do nascimento do menino, mas nada mais lograram saber.

Chegaram a temer por sua sanidade, mas como ela mantivesse seus afazeres com a mesma dedicação anterior, tiveram a esperança de que, aos poucos, voltasse a ser a jovem que fora, e que pudesse se casar e constituir família.

CAPÍTULO 08 - NOVOS PAIS

A jovem mãezinha demonstrava uma certa vontade, quando a noite chegava, quando tinha que se recolher para dormir. Encolhida em sua rede, somente então seu rosto adquiria uma expressão de esperança, e um pequeno brilho voltava em seu olhar.

—Ela está encantada. - falou o feiticeiro. - Nada posso fazer contra isto. Sua alma vaga, em busca do filho que perdeu.

Ao bebê, parecia que a ausência da mãe não causara tanto dano.

Era de se esperar que ele quisesse sentir seu cheiro, seu contato, ouvir seu coração, mas, na verdade, quando a noite chegava, ele a sentia

junto de si, acalantando-o, aconchegando-o junto de si, acariciando-o, beijando-lhe o rostinho, fazendo-se presente.

Era isto que mantinha Inaiê viva, era este encontro à noite, que a fazia caminhar e agir durante o dia.

O feiticeiro acertara em seu diagnóstico, ela estava encantada, aprisionada espiritualmente ao ser que fora a maior alegria de seu viver.

Não dá para dimensionar o que era maior, seu sofrimento de se apartar dele, ou sua insistência em segui-lo da forma como podia.

Se lhe tirassem de vez este único consolo, por certo, a vida se esvairia dela, a morte tomaria seu corpo e sua alma enlouqueceria.

O feiticeiro entendeu que algo maior, acima das regras humanas, acima das leis de seu povo, direcionava a jovem e se ele lhe tirasse este elã pela vida, ela morreria, por isto continuou com suas preces e seus rituais, evocando seus ancestrais, usando os elementos mágicos que conhecia, na esperança que ela, por fim, se desligasse de vez daquele aprisionamento.

Enquanto isto, José seguiu viagem, cada vez mais próximo de sua casa, de sua gente, de sua esposa, de seu lar.

Temia que Anahí não concordasse com o que ele fizera. Afinal, era como se ele houvesse tirado um bebê de sua mãe. Será que ela entenderia? Será que aceitaria? Será que ficaria tão feliz quanto ele?

Quando avistou sua cidade, o coração bateu mais descompassado. Parecia mentira que finalmente estava chegando.

—Você logo vai conhecer sua nova mãe. -falou ele para o bebê adormecido agora dentro de uma cestinha apropriada, que ele comprara a caminho. Você vai gostar muito dela como eu. Logo terá seu berço, e todos vão ver quão bonito e forte você é.

Era noite quando se aproximou da

moradia, e a luz do alpendre estava acesa, como sempre a esposa deixava, à espera de sua volta.

Por certo, o recriminaria, por não ter enviado nenhuma notícia, como fazia, através das estradas, pelos rádios amadores, ou ligando para casa.

Como não avisara, não o esperava, por certo, e estaria apreensiva, porque haviam muitas mortes, acidentes nas estradas, assaltos, imprevistos. Mas não gostava de o importunar, nem com reclamações, nem com suas queixas justas ou cuidados.

Se amavam muito e nunca ninguém soubera onde a encontrara, qual tinha sido sua tragédia pessoal, no passado. Só sabiam que ele a conhecera, se apaixonara, se casara.

Isto era tudo o que precisavam saber.

Ela sempre temia encontrar com alguém que pudesse lhe recordar o passado triste, a degradação de sua escravidão por gente inescrupulosa, e isto fazia com que saísse pouco, e somente quando acompanhada por ele.

Havia cortado os cabelos negros, que ele admirava tanto, e procurava se vestir com muita sobriedade, usava pouca pintura facial, procurando parecer bem diferente do que fora, no passado.

Andava tendo uns sonhos estranhos, que gostaria de compartilhar com ele, porque a preocupavam e pareciam tão reais, como as coisas que lhe haviam acontecido e lhe

ocorriam no dia a dia.

Não dissera a ninguém, mas chegava a ficar apreensiva à noite.

Sonhava com uma jovem índia, que a chamava carinhosamente de irmã, que a abraçava e pedia perdão pelo que um dia lhe houvera feito, sem que ela atinasse com o que lhe dizia, e esta jovem lhe prometia que seu filhinho estava a caminho.

Pedia-lhe que o amasse e cuidasse dele como se fosse seu, e que o fizesse feliz com ela e com seu esposo.

Que a perdoasse pelo mal que um dia lhe fizera, e que permitisse que ela, de longe,

pudesse acompanhar a vida da criança que

estava lhe enviando.

—Deve ser isto pelo fato de eu não poder mais ter filhos, de ter perdido o meu, e saber que José desejaria ser pai.

Algun espírito maligno me visita e me

atormenta, com promessas que jamais serão cumpridas.

Deste modo, tarde da noite, ainda acordada, ouviu ao longe o ruído do motor de um caminhão.

Prouvera a Deus que fosse ele, retornando são e salvo para casa.

Em poucos minutos, o som se fez mais forte, a luz dos faróis iluminou a frente da casa, o portão lateral se abriu e o veículo entrou fazendo barulho.

Anahí saiu quase correndo pela porta da frente, indo ao encontro do esposo.

—Que bom que você chegou! Quase me mata de tanto esperar! - falou enlaçando-o junto ao peito.

José ria feliz, mas havia lágrimas em seus olhos.

—Aconteceu alguma coisa durante a viagem? Você correu algum perigo?

Ela percebeu que havia algo novo.

José a ergueu nos braços fortes e deu com ela um giro no ar.

—O que acontece? - tornou ela a perguntar, estranhando seus modos.

—Estava com saudades de mim? - ele perguntou. -Pois eu não via a hora de estar aqui, com você.

—Graças a Deus você está bem, não está? - tornou a perguntar a esposa.

—Estou muito feliz. Trouxe um presente e espero que você goste. - falou ele, separando-se dela e voltando ao caminhão, cuja porta abriu.

—Um presente? Para que? Meu presente é você. - falou ela brejeira.

José voltou e olhou-a comovido. Subiu na boleia e voltou com a cestinha, onde a criança dormia.

Anahí não entendia, mas seu coração entrou a bater meio descompassado. O que seria tudo aquilo?

José veio com o presente e a levou pelos braços para dentro da casa, na sala iluminada.

Na claridade, levantou a manta que cobria o corpinho tenro do nascituro.

Anahí tampou o rosto com as mãos, depois olhou para o bebê, para o esposo, sem conseguir falar.

—É nosso! - falou o marido, quero que se chame José, você concorda?

—Mas como? Onde? - perguntou ela.

—Sente-se. Vou lhe contar tudo o que aconteceu.

Anahí levou os braços em direção ao cestinho.

José tomou o pequerrucho que dormia e aninhou nos braços dela, que parecia em estado de choque.

Ela o aconchegou junto ao coração, sentindo seu cheirinho agradável e o calor de seu corpinho, e as lágrimas começaram a cair abundantes do rosto. Lembrava-se da filhinha que partira, para longe de si.

Ambas choravam, porque Inaiê desdobrada também segurava o filhinho, e José também não podia conter as lágrimas.

CAPÍTULO 09- EXTREMO SUL

Nova vida começava para aquele casal, e também para a criança.

Como José pensara, conseguiu o amparo do médico amigo, e a criança foi recebida com alegria pela família dele, que não insistiu em saber os pormenores do que havia ocorrido.

Somente em meio à felicidade inesperada, Anahí às vezes lembrava dos sonhos que haviam antecipado a chegada daquela criança, e imaginava a dor com a qual, pelo que o esposo lhe contara, a mãe havia entregue o filho tão novo.

Via a promessa da jovem a chamá-la de irmã, no sonho, seu desprendimento, as razões que alegava, e uma dor funda vibrava em sua alma, uma dor maculava a alegria do que estava vivenciando.

José abandonou a vida pelas estradas, e tratou de montar uma oficina e loja de artigos para os caminhoneiros, e, sendo muito querido por todos, tendo um tino para o mercado e o trato com os caminhões, tratou de aprimorar seus conhecimentos mecânicos, e sentiu-se adaptado à nova condição.

Tivera um longo percurso pelas estradas, mas a distância de casa, os perigos, a saudade da esposa machucavam e poluíam a alegria que sentia nas viagens.

A nova presença do filho adorado e também inesperado, era algo cuja explicação não alcançava, mas era como se estivesse à espera dele, por mais tempo do que podia imaginar.

O pequeno ser, nascido no norte do país, parecia ter encontrado seu lugar no extremo sul do Brasil, como se isto tivesse sido programado, antes mesmo do seu nascimento.

E como não seria assim?

Não havia outro modo de explicar sua entrega a estranhos, apesar do amor que sua mãe lhe tinha.

Todas as noites, Anahí sentia uma espécie de presença ao lado do menino, que sorria dormindo, como se estivesse sonhando com algum anjo, mas não sentia medo ou ciúmes, pensando mesmo que aquela jovem que lhe entregara o filho, de forma tão dolorosa, que a avisara de que ele estava a caminho, merecia vê-lo e estar com ele, mesmo que fosse apenas em sonho.

Como aquela sensação fosse muito forte, comentou com José sobre o que sentia à noite.

Ele se preocupou, porque já estranhara, quando ela lhe revelou os sonhos que havia tido, antecipando a chegada do menino.

—Você ficou impressionada com seus sonhos. Deve ser este o motivo das sensações, ou ficou com medo de perdê-lo, como perdeu sua filhinha ao nascer, minha querida.

—Não temos explicação para meus sonhos, antes da chegada de Zèzinho,, e não posso também explicar as sensações que me tomam. Sinto a dor da mãe dele, sempre à noite, imagino como deva ter sofrido e como sempre sofrerá, mas não é isso. Uma presença.

—Vou levar você à casa de uma amiga de minha mãe, para que a benza e ao nosso filho. Acho que isto não faz bem a você, nem a ele.

—Não quero ir. Não pretendo separar a mãe dele de seu filho. Imagino, e isto é pouco, o que ela deve estar sentindo. Prometo que não tocarei mais no assunto, mas isto me fez pensar em algo muito sério.

—Melhor que você vá se benzer, meu amor. não vai te fazer mal algum.

—Sei que não vai me fazer mal. Não é isto, mas tomei uma resolução, e espero que concorde comigo.

—Do que se trata?

—Quero que, quando Zêzinho tiver condição de entender, que ele fique sabendo de sua história, de como ele veio para nós.

José conseguira registrar a criança como se deles fora, e achava que isso era assunto encerrado, um segredo entre ambos.

A família e os amigos podiam estranhar e temia mesmo que algum dia alguém referisse a verdade ao seu menino, e que isto complicasse a ligação entre eles, e agora sua querida Anahí vinha com aquela decisão tão absurda, aparentemente.

—Melhor que ele saiba por nós, meu querido, do que por boca alheia. Nosso amor há de superar qualquer obstáculo.

José prometeu pensar. Afinal, havia tempo para decidir sobre isto, mas insistiu em que ela e o bebê fossem se benzer.

Anahí concordou para não discutir e, naquela semana ainda, se dirigiram para a casa simples de D. Isaura, uma senhora que atendia em sua residência a quantos a buscassem, pedindo auxílio para a solução de seus problemas.

A jovem mãe e seu bebê foram recebidos à porta da casa humilde, com gestos de amizade.

D. Isaura os fez entrar, fez algumas rezas e benzeu a mãe e a criança com três ramos de uma árvore que tinha no quintal, jogando os mesmos sobre o ombro esquerdo, para trás, onde depois apanhou e levou ao lixo.

—Este seu filho é um menino abençoado, está muito bem de saúde e está tão bem, que até parece que tem duas mães, ao invés de uma. - falou a mulher, sem imaginar o quanto isto impactava Anahí.

A senhora parece um pouco agoniada, mas não tem razão para isto. Já teve outro bebê, que veio a falecer?

Os olhos de Anahí se encheram de lágrimas, e ela continuou:

—Então prepare todo dia, durante um mês, uma mamadeira para este bebê que partiu, e coloque num local agradável, perto de sua cama. Depois jogue fora. É para ele também se sentir amado e alimentado.

Prescreveu-lhe uns chás e disse que iria fazer trabalhos para ajudá-la.

Infelizmente a senhora cobrou uma importância absurda pelos seus serviços. Isto iria pesar no orçamento familiar, mas José não reclamou.

Anahí, contudo, exceto pelo impacto de ouvir que seu filho parecia ter duas mães, e pela citação ao bebê, que perdera, não viu nenhum benefício no atendimento. Pelo menos aquilo havia, de algum modo, acalmado o esposo, mas sabia que não voltaria mais ali.

O que lhe importava era saber que suas percepções estavam certas, e que passaria a orar diariamente pela jovem que lhe enviara aquele presente do céu, para que ela pudesse, de algum modo, superar sua dor, como ela, ao se ver apartada da filhinha querida e não poder mais conceber.

Sabia que não podia fazer mais do que isto, e chegava a temer que seu menino um dia, quando adulto, tentasse descobrir sobre sua mãe biológica.

Aquilo seria praticamente impossível, porque José não anotara o nome da jovem índia, que lhe entregara o pequenino ser, a quem dera a vida.

Que Deus pudesse ajudar a superar a sua dor, sua perda, porque ela amaria aquele menino, como se fora seu, e era o que podia fazer por ambos. Ensiná-lo-ia a amar a pessoa que lhe dera a vida, mas não lhe contaria sobre a atitude do homem que era seu pai biológico, para não magoá-lo.

Como podia um ser humano abandonar a criança, pela qual era diretamente responsável?

Isto não era admissível, mas também incompreensível.

Mas ela também não passara por uma situação semelhante?

Depois conhecera outros homens tão maus e mesquinhos, tão criminosos como o pai de sua filhinha, até que José entrara em sua vida, para reacender nela a esperança e a alegria.

E agora estava feliz, como jamais imaginara que poderia ser um dia.

Integrado à nova família, o bebê estava espiritualmente feliz, como se houvesse encontrado o marco de seu destino.

Enquanto o jovem narrava sua história de forma simples e até feliz, Marília pensava, vendo as cenas que se sucediam, durante a narrativa, qual seria a programação daquelas almas envolvidas e se ela poderia ter acesso, com meu auxílio, a toda história daqueles seres, em vidas passadas, que pudessem explicar o porquê de eventos tão díspares e surpreendentes.

Gostaria de analisar comigo o passado daquelas pessoas, não pela curiosidade, mas para um maior entendimento daquelas ligações tão intrincadas.

Mentalmente lhe prometi que faria o que pudesse, para satisfazer aquele seu desejo, e também lhe daria a continuidade da vida da jovem Inaiê, na sua renúncia tão dolorosa.

Marília e o jovem Zèzinho pararam para tomar uma refeição e depois prosseguiram a viagem. Minha medianeira resolvera que não perguntaria a ele nada sobre seus sentimentos, com relação a mãe e pai biológicos, nem sobre ele não morar mais no extremo sul do país, e sobre seus pais adotivos, que ele demonstrava amar muito.

Como partira dele a vontade de lhe expor sua história de vida, ele falaria sobre seus sentimentos, se julgasse oportuno.

E a viagem prosseguiu, agradável e tranquila.

CAPÍTULO X - FELICIDADE

Dizem que a felicidade não é deste mundo, mas para José, Anahí e Zèzinho, esta afirmação não encontraria nenhum sentido.

Inaiê, após os encontros noturnos com o filhinho, que fora obrigada a abandonar, parecia renascer. Voltava a se alimentar um pouco, a caminhar pelas trilhas que amava, e chegou até a se banhar novamente no rio.

Com isto, a tribo ficou mais animada com sua recuperação, mas a mãe observava a filha e concluía:

—Ela não voltou a sorrir. Nunca mais sorriu. Roubaram a felicidade dela.

E estava certa.

Nossa felicidade reside em coisas simples, em alegrias comuns do dia a dia, e quando elas nos faltam, é como se nos tirassem pedaços de nossas almas, sem as quais não conseguimos agir com liberdade, com alegria.

Impressionante como somos frágeis e como alguma transformação, em nosso dia a dia, nos derruba, nos tira o sentido de viver, nos abate.

A mãe de Inaiê estava certa. Sua menina nunca mais seria a mesma. Chegou a pensar que um casamento dela com algum jovem da tribo, a vinda de um filhinho, pudesse despertar novamente a jovem para a vida, para a felicidade.

Não faltavam pretendentes que a cercassem de atenção, tentando conquistá-la.

A mãe e o feitiçeiro aprovavam e incentivavam a aproximação da jovenzinha com algum dos membros de seu grupo, mas ela parecia refrataria a qualquer contato maior.

Até as amigas antigas e companheiras dos folguedos, os parentes, tentavam aproximar-se dela, mas estava totalmente mudada, diferente da jovem carinhosa e receptiva que fora.

Fazia as tarefas que antes lhe eram prazerosas, de forma mecânica, automática, sem alma.

Em vão a mãe lhe penteava os cabelos, como se, com isto, pudesse afastar os maus pensamentos, o desânimo que parecia corroer-lhe a vontade.

Nada se resolvia, nada adiantava.

—Parece que a matamos. - falava a mãe ao pai, preocupado e soturno. - Quando a expulsamos do nosso lado, é como se a tivéssemos matado.

—Ela precisa reagir a tudo isto. Tem uma vida pela frente. - instava o pai, combinando cerimônias e oferendas com o feitiçeiro.

—Ela só cria um tantinho de ânimo após a noite. Parece que a noite vai em busca do filho.

—Isto é mau. A criança vive e ela o assombra. Deste modo, ninguém se livra ou será feliz. - comentava o pai, tentando argumentar ou entender.

O que lhe dava algum ânimo era ver como ela se diligenciava nas tarefas que lhe fossem entregues. Não reclamava, mesmo que a cumulassem com mais trabalho, não escolhia o que fazer, não discutia, não negociava.

Era como sentisse que deveria aceitar qualquer coisa sem reclamar, pelo erro que fizera, como se ela mesma se castigasse, pelo que houvera acontecido.

O feitiçeiro e o pai resolveram, em comum acordo, que dariam um tempo para que ela se refizesse e, caso isto não ocorresse, fariam um acordo com algum dos pretendentes dela, e tratariam de combinar uma união, um casamento.

Diante de uma nova situação, esperavam que ela reagisse de um modo mais adequado, às suas expectativas.

A mãe insistia em que precisavam encontrar outra solução. Era como se sua filha agisse como se já houvesse morrido.

—Ela está doente, muito doente. - repetia a pobre mãe, tentando conversar com os mais velhos ou com as almas de seus antepassados, a fim

de encontrar uma solução para Inaiê, que ela não conseguia perceber.

Um dia, depois de muito orar e pensar, a mãe chegou-se a Inaiê e tomou-lhe as mãos, pedindo para que ela olhasse em seus olhos:

—Minha querida filha, por favor, olhe nos meus olhos. Mergulhe dentro deles e perceba o quanto eu a amo e o quanto estou preocupada com você. Sei que você não está bem, parece sob um feitiço ou um mal feito. Como se tivessem secado sua alma. Como se estivesse mergulhado no rio da morte e não consiga voltar.

A juvenzinha a olhava com atenção e respeito, mas parecia que as palavras não encontravam eco em sua alma, era como se não atinasse com o significado delas, ou com o sentimento de carinho que as ditava.

Era obediente, atenciosa e educada, como antes, mas a alegria secara por dentro de si.

—Você é jovem e bonita, forte e inteligente, Inaiê. Reaja a esta tristeza que tomou conta de seu coração. Volte a participar das coisas, fica com seus amigos e parentes, vá conosco à cidade, participe de nossas vendas, do plantio, da colheita, das brincadeiras das crianças, da pesca nos rios...

A juvenzinha a ouvia, como se nada do que ela lhe falasse a importasse.

—Você precisa reagir, minha filha. A vida se renova todo o tempo. Você pode ser feliz.

A jovem ouviu a última frase como se a afirmação fosse um absurdo.

—Ser feliz. - repetiu maquinalmente.

—Sim. Ser feliz. Você pode ser feliz. Tem uma vida pela frente.

—Não.Não tenho. Esqueça. - finalmente balbuciou. - Tenho uma vida lá atrás e ela acabou.

—Você não pode fazer isto. Não pode agir assim. - redarguiu a mãe arrebatada.

Mas o olhar da jovem como que se eclipsou. Era como se ela não a ouvisse ou visse mais.

O pai se aproximou, percebendo o que estava acontecendo entre as duas.

—Inaiê, vou tratar de seu casamento. Mesmo que você não queira. Isto é o melhor que lhe pode acontecer. Isto a trará de volta ao seu povo.

Ela teve uma reação que demonstrava seu descontentamento. Levantou-se e deu-lhes as costas, caminhando para o mato.

Em vão a chamaram. Não retornou a aldeia a não ser a noitinha, quando todos estavam preocupados com ela.

Dirigiu-se ao pagé do grupo e declarou com firmeza:

—Jamais me casarei. Não constituirei família.

Seus jovens pretendentes ficaram interditos.

Sua mãe e seu pai quiseram retrucar, mas não sabiam o que dizer.

Dirigiu-se a sua oca e tratou de se recolher.

A mãe foi até ela:

—Queria que você fosse feliz, minha filha!

—Impossível! - foi a resposta que teve.

Depois daquela noite, ela só se dirigia aos seus pares por monossílabos, quando era estritamente necessário.

—Ela perdeu sua alma. - dizia o feiticeiro.

E ninguém sabia qual a solução para aquilo.

CAPÍTULO XI- REENCONTRO

Enquanto a felicidade crescia no coração de José e Anahí, a jovem Inaiê caminhava para a morte, de tanta tristeza em seu íntimo.

Foi, então, que o Plano Espiritual resolveu intervir.

Como todas as noites, a alma da jovem mãezinha saía do corpo, indo em busca de algum conforto ao lado do filhinho, ao qual renunciara, os mentores trataram de procurar um meio, pelo qual pudessem diminuir-lhe os dissabores.

Espiritualmente lúcidas, Inaiê e Anahí se encontraram, num cenário para o qual haviam sido levadas pelos seus mentores.

Era um espaço paradisíaco, onde corria um rio caudaloso, de águas límpidas, cujas margens eram cercadas de palmeiras e arbustos, bem como de papiros.

Garças brancas compunham a beleza da paisagem, e barcos antigos também enfeitavam o cenário.

Apesar da beleza do local, percebia-se que sáurios enormes acompanhavam a vida do lugar, granjeando-lhe perigo.

Percebia-se ao longe montanhas de pedra, moduladas por um céu azul.

O ambiente era apropriado ao reencontro de duas almas, como as jovens mães índias, ligadas pela linda criança que, de algum modo, lhes pertencia.

Inahí se via com o menino nos braços e caminhou até Inaiê, entregando-lhe o filho, que ela segurou, com encendrado e profundo amor, enquanto lágrimas abundantes lhe caíam da face.

As duas pareciam se entender, mesmo que não houvessem trocado palavras.

—Você não pode continuar deste jeito. - falou Anahí com ternura. - Entendo o tamanho de seu sofrer, mas isto vai acabar por matá-la, e eu jamais me perdoarei por isto.

—Cumprir o que lhe prometi. - falou a índia amazonense com firmeza e amargura. - Não recuarei.

—Não posso ser feliz deste modo, ao preço de tanto sofrimento, minha irmã. - comentou Anahí.

E estava sendo sincera.

—Não tem como não sofrer. - concluiu a outra, com profunda tristeza na voz.

Ambas choravam.

Anahí retomou a criança em seus braços e pediu:

—Por favor, reaja. Você é jovem. Deve encontrar um homem que a mereça, que a possa fazer feliz. Deve ter outro filho ou até mais de um filho, a quem dedicar tanto amor que sente. Esta criança será sempre sua. Eu falarei a ele sobre você e ele aprenderá a amá-la, mesmo que não voltem mais a se ver neste mundo.

—Ele nunca mais será meu. - falou a outra sentando-se no chão, como se lhe faltassem forças nas pernas.

—Ele é seu. Sempre será seu. Se não fosse por você ele não existiria. - falou a outra, sentando-se ao seu lado, como que para confortá-la.

Havia muito amor e carinho entre aquelas duas jovens mães, ambas índias, ambas formosas, ambas amorosas, que se conheciam, embora nunca se houvessem encontrado, nesta vida terrena.

—Eu a amo! - falou Inahí. - Mas não posso ser feliz vendo-a sofrer. Promete que vai tentar se reerguer. Promete que vai retomar sua vida. Como posso ser feliz, vendo-a se matar, dia após dia?

Tornou a colocar a criança no colo da jovem desolada, à sua frente.

Inaiê olhava o pequerrucho adormecido e acariciava-lhe o rostinho, como se ele fosse algo que ela não podia ter, que nunca mais veria, a quem não poderia acompanhar, beijar, amar.

Luzes violáceas saíam de seu cardíaco em direção ao pequerrucho, mas era como se elas fossem suas forças a se exaurirem.

Anahí a abraçava pelos ombros, como a lhe transmitir forças, que a envolviam, sem aumentar seu potencial energético.

—Você está se matando. - falou ela.

—Não posso evitar.- respondeu a outra.

Nisto, várias entidades superiores cercaram as duas, formando um círculo ao redor delas.

Passaram a irradiar imensa luminosidade sobre ambas, que começaram a sentir, como se estivessem se desprendendo do solo, como se pairassem centímetros acima do chão.

Elas não podiam ver o círculo de entidades luminosas que as cercavam, mas podiam, de algum modo, registrar que algo diferente estava acontecendo com ambas.

Não podiam deixar que as lágrimas que caíam abundantes de seus olhos, nem a ternura imensa que sentiam dentro de si mesmas, como se forças novas as preparassem, para enfrentar qualquer problema, para superar qualquer dor, para entender os motivos de suas dores, de suas amarguras.

Algo de muito superior e sublime estava acontecendo.

Era como se alguém lhes falasse no imo do ser, e afastasse de vez qualquer sofrimento, qualquer obstáculo, enchendo-as de nova esperança, de certezas inenarráveis, de promessas de um porvir maravilhoso e inesperado.

A sensação agradável de plenitude e refazimento era indescritível, fora de tudo o que ambas já pudessem haver sentido alguma vez em suas vidas.

E, com vagas lembranças daqueles momentos vividos, ambas acordaram refeitas, cheias de emoção e esperança.

Aqueles momentos do sono reparador haviam dado a ambas uma visão mais ampla da vida terrena, com seus fundamentos eternos inapreciáveis, quando estamos mergulhados no mundo corporal.

Realmente, somente as almas mais evoluídas conseguem ter esta noção superior, que modifica o roteiro e gera os grandes heróis da Humanidade.

CAPÍTULO XII- ONDE TUDO COMEÇOU.

A viagem estava chegando ao final e Marília ficara muito impressionada com a História de Zèzinho, desejando saber o porquê de tantos desencontros e sofrimento das duas irmãs índias, pois sabia que eu lhe contaria, segundo prometera, tudo o que se passara no passado e a continuação do que ela pudera apreciar, não só pelas palavras do jovem, mas também pelo que vira.

Esperou pacientemente os dias em que nos víamos, para o trabalho de psicografia e conversamos a respeito.

No dia aprazado, prontifiquei-me a lhe dar ciência do passado que havia desaguado nos eventos, que envolviam a vida das duas jovens índias, que não se haviam conhecido na presente existência, e também do porquê de tão trágicos quanto difíceis envolvimento entre as duas.

Marília sabia da relação afetiva entre ambas, embora Zèzinho, ao contar sua vida, não houvesse referido nada a respeito, pelo simples fato de que desconhecia totalmente estas ligações, conquanto a mãe lhe contasse sobre os sonhos e encontros espirituais, que tivera antes que ele chegasse em sua vida.

—Você quer saber e eu vou lhe mostrar onde tudo começou. - falei-lhe intencionalmente, explicando que, oportunamente, escreveria esta história tão marcante, gravando-a em livro.

Transportamo-nos para o mesmo cenário, onde as duas jovens haviam se encontrado, naquele reencontro espiritual tão importante para ambas.

Estávamos no Egito antigo, à época do grande rei Ramsés, casado com a bela Nefertari, herdeiro do trono, após toda a tragédia que envolvera a XVIII dinastia, com a morte sucessiva dos herdeiros do trono, começando com Akenaton e terminando com Tutankamon, e seus irmãos, netos de Tii.

Os cenários não nos eram totalmente desconhecidos, ainda que avançássemos no tempo.

Viamos Nefertari desenvolta, atravessando os amplos corredores do palácio, onde era admirada, invejada e muito amada pelo rei e pelos súditos e familiares mais chegados.

A bela estava grávida, e com dores foi levada aos aposentos, onde se esperava que desse à luz a um dos herdeiros do trono.

As dores lancinantes a tomaram, enquanto médicos prestimosos a atendiam, para que nada ocorresse fora dos parâmetros esperados.

Foram momentos de profunda preocupação e tentativas dos facultativos, servos e sacerdotes, enquanto o rei e a rainha viviam aquele instante tão importante e marcante, na vida dos seres humanos.

Tanto quanto no plano físico, no mundo Maior também equipes se posicionavam para dar assistência aos pais e à criança que iria vir ao mundo.

Depois de horas de sofrimento para todos, principalmente para a mãe e o bebê, finalmente se ouviu o vagido de um lindo menino que recebeu o nome de Seti I.

A alegria do rei e de seus familiares foi imensa, e as festas eclodiram em todo o império.

Enquanto isto ocorria, a imagem da irmã gêmea da rainha, que também vivia em palácio, e era esposa de um alto funcionário da Corte, também dava a luz um menino, muito parecido com o príncipe herdeiro.

As duas irmãs não cabiam em si de contentes, pois sempre foram muito unidas e tinham uma amizade firme entre si.

Neferura logo que pode visitou a rainha, com presentes, e recebeu desta também mimos para seu filhinho, que se chamou Rama.

As crianças cresciam lindas e felizes, e tudo indicava que seriam grandes amigos no futuro.

A harmonia crescia entre as irmãs, os respectivos esposos e os primos, que iam juntos aos treinos militares, aos jogos e aos passeios.

Ocorreu, porém que já púbere, quase adolescente, Seti I veio a adoecer, e, por mais que os médicos da Corte, os feiticeiros chamados, os sacerdotes, com suas oferendas, lutassem para preservar-lhe a saúde e a vida, o rapazinho veio a falecer.

O luto cobriu o palácio, os embalsamadores foram chamados, um túmulo foi preparado para sepultá-lo, e todo o sonho de vê-lo à frente do

reino foi levado de roldão.

Nefertari parecia um fantasma, levada pelas aias através dos corredores, ao quarto e à sala de refeição.

Sua irmã, Neferura, tentava levantar-lhe o ânimo, mas sua presença e do jovem Rama pareciam ampliar mais e mais seu desgosto e sofrimento.

Chegou um momento em que a irmã, percebendo que sua querida Nefertari estava caminhando para a morte, sugeriu:

—Não posso ressuscitar nosso querido Seti I, mas, como somos muito parecidas, como temos a mesma compleição, porque não aceita Rama como se fosse seu filho, para ser o herdeiro do trono, ele também é muito parecido com Seti, nasceu no mesmo dia, somente seu pai não é o rei do Egito.

A partir destas palavras, aos poucos Nefertari pareceu renascer das cinzas, e começou a olhar seu sobrinho com outros olhos, chamá-lo para tomar as refeições com ela, e, por fim, aceitou o oferecimento da irmã, dizendo ao esposo que sonhara que os deuses haviam lhe pedido para aceitar a troca do herdeiro do trono, para o bem do rei, dela e dos súditos.

Ele, a princípio, rechaçou o que lhe pareceu absurdo e insensato, mas o sofrimento da perda do filho, o carinho natural do sobrinho, que tentava minimizar-lhes as dores, acabou por minar suas resistências.

Deste modo, o menino passou a ter as regalias que eram do príncipe, e passou a viver em palácio.

Neferura tinha certeza de que aquilo faria bem ao filho e à irmã, embora o esposo não aceitasse aquela contingência, e comesse a se encher de mágoa para com ela e para com o rei e a rainha.

Nada do que ele via ou do que assistia apaziguava seu coração. Sentia-se roubado como pai, e as discussões com a esposa se ampliaram.

Por outro lado, Nefertari apegou-se demais ao sobrinho, que passara a sentir como filho, e um ciúme doentio da presença da irmã insuflou-lhe no espírito um sentido de rivalidade que não existia.

Aos poucos, sugeriu ao rei que deveria encontrar um meio de afastar a irmã do palácio e o esposo, que os enviasse aos locais mais distantes, ainda que os cobrisse com mais ouro, em pagamento pelos serviços, mas que impedisse, de algum modo, a proximidade de Rama com os pais biológicos.

A princípio Neferura não percebeu as reais intenções da irmã, nem lhe percebeu o desequilíbrio nas atitudes.

Mas, aos poucos, por mais que tentasse se aproximar dela, as desculpas dos servos eram aparentemente lógicas, depois insistentes, disparatadas, e, quando se viu forçada para mudar sua residência, para um local mais afastado do palácio, percebeu que a estavam separando do filho querido, e que sua irmã, estava agindo de uma forma que ela jamais imaginara.

O esposo encheu-se de muito ódio para com o concunhado e a cunhada, os reis do Egito, e afastou-se dela, acusando-a de ter lhe roubado o seu maior bem, o filho de ambos.

Foram obrigados a mudarem para longe, e, apesar do posto ser honroso, o casal passou a viver de um modo hostil, amargo e triste.

Quando havia festas públicas no reino, em que os reis e o herdeiro presumido do trono compareciam, Neferura viajava longas distâncias, com sacrifício da própria saúde, para ver seu Rama, nem que fosse em meio à população que ovacionava seus dirigentes.

Não tinha mais o filho e perdera o amor do esposo, que parecia agora odiá-la, porque partira dela a ideia de confortar a rainha. Nem mesmo o pensamento que seu filho seria um rei, que herdaria o trono, o colocava menos hostil para com ela.

Neferura enviou uma carta por um mensageiro de confiança, propondo à rainha que ela pudesse passar um tempo em palácio, onde pudesse apenas ver seu filho, que jurava que não falaria com ele, nem se mostraria diante de si, para que ele não recordasse de sua origem, mas a resposta da rainha foi uma velada ameaça contra a vida de seu esposo, se ela aparecesse, um dia que fosse, em palácio.

Neferura vivia uma tristeza infinita. Como sua irmã podia agir desta forma com ela?

Nem referiu ao marido quanto fizera, mesmo porque ele vivia se distanciando dela, e começara a ter uma vida desregrada e dissoluta.

Neferura conheceu dias de muito desalento, e se consolava com a ideia de que seu filho vivia, que seria feliz, mesmo que ela não pudesse usufruir, a não ser de longe, de sua vida.

Nefertari desenvolveu um medo, uma paranóia de que pudesse novamente se ver apartada daquele que substituíra o filho, que a morte arrebatara.

A princípio o menino perguntava muito dos pais, queria vê-los, mas ela o cercou de tal modo, que ele percebeu que estava num outro momento

e numa outra condição, e que precisava olvidar, embora lhe doesse, os pais que lhe haviam dado a vida, e que o haviam sempre cuidado e amado.

Aceitou o carinho da nova mãe, tão parecida fisicamente com aquela que o gerara, e até ficou ressentido, achando que seus pais haviam se desvencilhado dele, para servir ao rei e a rainha.

Procurou saber, através dos servos, sobre seus pais, e foi informado que eles haviam mudado para longe.

Deduziu que não mais os veria, e ficou bastante sentido com a atitude de ambos, que sentiu como se fosse uma rejeição.

Percebeu que substituíra o primo morto, na figura de filho para seus tios, o rei e a rainha, e concluiu que só poderia modificar aquela situação, no dia em que ambos morressem, se ainda seus genitores estivessem vivos.

Uma dor e um ressentimento imensos surgiram em seu íntimo.

CAPÍTULO XIII- A ÉPOCA DE RAMSÉS

A época de Ramsés foi uma fase das mais enriquecedoras e magníficas da História da antiguidade no Egito.

A opulência do reinado, suas conquistas, as construções magníficas e majestosas, eram comentadas por todos os vizinhos e nos mais longínquos recantos.

O reinado conhecia uma época de esplendor e segurança.

Desde os dez anos o pequeno Ramsés foi feito militar, junto com seu pai, Seti I, e era general, ombreando com os militares de seu tempo, pela maneira como demonstrava seus conhecimentos.

Demonstrava a lhanza no trato com todos, agindo com muita diplomacia, firmeza e conhecimentos, em todas as áreas.

Conhecia muito bem a parte referente às construções, fossem de tijolos ou pedras monumentais.

Os hititas se constituíam, naquele momento, uma séria ameaça à tranquilidade do reino, e com o pai lutou lado a lado contra os mesmos.

Quando assumiu o trono, aos poucos, deu-se conta da perda em vidas e financeiras, que aquela luta acarretaria, e teve uma atitude diplomaática fantástica, entrando num acordo com os inimigos, para que

ambos se auto protegessem e preservassem, defendendo-se dos prováveis ataques dos vizinhos.

Demonstrou desde muito cedo os pendores para a política, as construções, as gestões políticas, o armazenamento de grãos.

Construiu celeiros de tijolos, para recolher as colheitas, evitando desta forma, a situação de depauperismo de seus súditos.

Começou a construção de seu mausoléu, no Vale dos Reis, e foi abrindo galerias, para recolher os filhos, que, mais tarde, vieram a anteceder-lo pela morte.

Em Abu Simbel iniciou a construção de monumentos majestosos, que lhe testemunhassem os feitos, e ainda hoje, transplantados pela tecnologia moderna, durante a construção de Assuan, pelos russos, as toneladas de pedra dão o sinal do sol invadindo o interior, em Abidos, sempre em 21 de abril, de sua ligação com o Rei Sol, atendendo suas escolhas.

Enviou o pai de seu filho para longe, na área litorânea do Mediterrâneo, na construção de 45 km com muralhas, com tijolos de barro e torres, soldados armados na área costeira, para proteger seu reinado.

Quase falecera na região, durante uma emboscada em Kadesh, que seu pai combatera por 30 ou 40 anos, até resolver que era melhor uma saída diplomática para os entreveros.

Em agradecimento pela vida preservada, começou a construir a Mansão dos Deuses, em Karnac, obra monumental, de 550 mil

m2, com colunas de 25m de altura, 134 colunas em 16 fileiras, formando um gigantesco hipostilo, hoje conhecido como Sala dos Deuses.

Seu tino como administrador de um grande Reino, aproveitava os conhecimentos auferidos com Horemheb, e a História da destruição da XVIII Dinastia, para evitar repetir os desastres havidos.

Amava profundamente a esposa, e tudo faria para vê-la feliz, e incorporara em si a substituição do filho amado, pelo sobrinho, que, aliás, tinha muita semelhança física e nas atitudes com seu menino.

Fizera um enterro suntuoso e oculto do seu menino no Vale dos Reis, e ninguém sabia exatamente onde fora o sepultamento, nem da substituição, a não ser o seu vizir Pasar, a esposa e algumas pessoas de mais confiança, além dos pais do seu novo herdeiro.

Acreditava que estaria beneficiando sua cunhada, que fora quem propusera a substituição, pelo bem da irmã, mas os queria longe de seu menino.

Acabou por promover militarmente o concunhado e o enviou à região litorânea a cuidar de sua rede de fortes, após uma derrota em Memphis, e para cuidar da construção de seu palácio, PI Ramsés, em Tcharo.

O reinado conhecia uma época de opulência, segurança e imensa promoção fora das fronteiras.

Surpreendia-se e emocionava com o menino que, se a princípio sentira muito a falta de sua família, aos poucos assumira o papel de filho, e encantava Nefertari e a ele mesmo.

Porém, a felicidade dos soberanos cobrava muito caro o dia a dia dos pais do infante.

O esposo acusava abertamente Neferura do seu sofrimento.

Numa das discussões, chegou mesmo a amaldiçoar-lhe a existência, dizendo que ela não teria novamente o direito de gerar uma vida, e, se isto ocorresse, ela perderia seu filho ou filha, como castigo do seu gesto que, se para ela era de abnegação, para ele era uma maldição.

Em vão a jovem tentou engravidar novamente, com o intuito de remediar o sofrimento que lhes havia causado, e que estava a martirizá-la diariamente, porque ao menos pensava que poderia estar com o filho e vê-lo, mas a tanto foram impedidos.

A distância, a mágoa, o ressentimento se imiscuíam na relação anteriormente tão feliz e harmoniosa do casal, e transformava a vida de ambos num verdadeiro inferno.

Estavam longe do filho amado, longe da Corte, com atividades exigentes e permanentes.

Por que a irmã a tratava daquela maneira? Não tinham sempre sido amigas, confidentes, verdadeiras cúmplices, diante das maiores contradições que a vida cria e recria, no dia a dia?

Sempre considerara que não poderia ser feliz sem a felicidade da irmã, mas ela parecia pensar diferente, por que não se dignava a pensar em quanto ela estaria sofrendo, apesar de dar-lhe o filho, para assegurar-lhe a vida feliz junto ao soberano, que tinha tantos filhos e tantas mulheres em seu harém real.

Como podia ela se sentir feliz, sabendo-a sofrendo, por que não lhe pedira senão para poder ver e acompanhar o crescimento e a vida do filho amado.

Estava sendo tratada como uma criminosa sem remissão. E tudo lhe doía no íntimo pejado de tanto sofrimento, a ausência do filho amado, a distância de seu local de origem, a ingratidão da irmã, as acusações lúcidas e justas do companheiro.

Neferura estava tão sofrida que a vida se esvaía de seu corpo, e as lágrimas a afogavam em desespero, sem solução.

Quando o ser humano se vê colocado numa circunstância tal, que não encontra solução ou consolo para seus problemas e dores, ele vai, aos poucos, se esvaindo neste desencanto, desalento e tristeza, que a morte passa a ser solução ou, pelo menos, parece ser a única saída.

O sofrimento de Neferura era imenso, tão grande quanto os monumentos, fortificações, torres, palácios e templos que via o cunhado construir, com a amparo de seus súditos mais diletos e empreendedores, tal

qual seu esposo, que via também definhar, na tristeza imensa da renúncia que lhe impusera.

A única coisa que a consolava, era pensar que seu filho podia ser feliz, mais feliz do que fora no tempo que vivera com ela e com seu pai.

Mesmo este consolo, no entanto, não lhe dava forças para tocar sua vida.

Procurava, por todos os meios, saber notícias do menino, procurando, contudo, não despertar suspeitas, entre os soldados que serviam o esposo.

Estes achavam que eles haviam perdido o filho por alguma doença insidiosa e que, por isto, haviam se distanciado da capital, procurando esquecer, e atribuíam a tristeza do casal a isto, também pensavam que Neferura queria notícias do sobrinho, porque haviam sido amigos e ele recordava o ente querido que perdera.

Quanto mais o tempo passava, mais ela sabia a respeito do filho que passara a se chamar Amenofis, como antigos faraós, e sua dor e distanciamento do companheiro se ampliavam.

Enquanto isto, sua irmã, Nefertari, vivia em plena felicidade, incorporando-se como mãe do herdeiro do trono, sucessor do esposo amado, que também vivia o gozo pleno de seu convívio diário com o novo filho.

E a rainha nem imaginava o martírio e o sofrimento inaudito pelo qual sua irmã passava, achando-se no direito, de, na posição de rainha, usufruir de todas as alegrias, às custas das lágrimas alheias.

CAPÍTULO XIV - DOAÇÃO

É em família que os maiores sacrifícios e as maiores tragédias e alegrias acontecem.

É em família, no dia a dia, que vemos demonstrações de heroísmo, dignidade, abnegação, humildade, desprendimento, mas também de ingratidão, traição, crimes, destruição.

O lar, como célula abençoada do espírito corporificado, tem toda a estrutura que propicia o total aproveitamento da existência, nos diversos degraus onde as relações acontecem, e, com relação a isto, vemos vidas que se transformam em fulcros de luz, iluminando as trevas das almas, como também abismos terríveis e dantescos, gerados pela inferioridade terrena.

Deste mesmo modo, a alegria, amizade, ligações afetivas, cumplicidade das duas irmãs roera fragorosamente, diante do embate da morte, e cada uma demonstrava o valor e o quilate de sua alma, diante da outra.

Se uma procurava diminuir o sofrer da outra, esta, atingida pela adversidade, endurecia seu coração e se apossava não apenas da presença do filho substituto, mas o isolava de qualquer contato com a pessoa que lhe dera a vida, e mais, que obsequiava-a na sua dor.

Sempre vivenciamos situações parecidas, em filhos que maltratam seus velhos pais, que os abandonam na velhice, ou que dilapidam seus últimos recursos financeiros, sem o menor escrúpulo.

Difícil entender os mecanismos terríveis em que estas almas são dilapidadas, massacradas ou se criminalizam, na atitude mesquinha e cruel.

Seres imortais, fadados ao progresso, os espíritos deveriam se felicitar pelas conquistas interiores, e também pela possibilidade da inter-relação com os seus semelhantes, e mais ainda com sua família carnal, escolhida para auxiliá-los e ser auxiliadas por eles, durante o percurso.

Mas isto ocorre raramente.

O que mais acontece é uma disputa de poder desnecessária, uma disputa de bens, e a malservação do tempo e das oportunidades.

A doação de Neferura fora de um valor inigualável, mas ela apenas estava tentando salvar o casamento e a vida da irmã querida, sem pensar que esta se aferraria de tal forma ao seu filho, que o afastaria de sua família e castigaria a mão que a auxiliava e apunhalaria o coração que a amava.

Jamais imaginara que ela, na posição invejável de rainha, detentora de poder e do amor do esposo, que tinha mais de cem esposas, pudesse ser tão ardilosa e mesquinha, na apreciação de seu sacrifício.

Doía-lhe não apenas a separação do filho, mas o gesto da irmã gêmea e a incompreensão do companheiro, porque, não imaginara que seu gesto fosse alvo de uma resposta tão vil, por parte daqueles que se tornaram os beneficiários dela.

Tudo o que a felicitava agora era saber do rapaz, temendo por sua vida durante as refregas, e a certeza de que ele se lembraria dela, saberia o quanto era amado e talvez um dia pudessem novamente se ver e conversar sobre tudo o que estava acontecendo.

Vivia desta esperança e implorava ao esposo, a quem muito amava, que a perdoasse, porque até para fazer o bem é preciso saber a quem e como.

Eles mal se falavam, mal se viam, e, aos poucos, o companheiro começou a definhar, e sentia uma fadiga extremada e inexplicável.

Em vão procuraram médicos e benzedores, feiticeiros e mudanças de hábitos.

A tristeza minava o organismo forte e afeito aos exercícios. Aquele homem que sempre se orgulhara de sua força, que jamais temera as refregas da batalha, estava sendo minado, dia após dia, pela dor do afastamento do filho querido.

Se ela, Neferura, conseguia sobreviver ao caos em que viviam, na alegria de saber seu rapaz vivo e bem, ele não encontrava nisto qualquer consolo, antes, pelo contrário, a acusava pelo olhar e às vezes até em palavras pela sua dor e perda.

Um dia lhe disse sem reservas, enquanto jazia preso ao leito:

–Você não poderia tê-lo doado. Ele era meu, não apenas seu. Jamais a perdoarei.

–Deve consolá-lo saber que ele está melhor do que estaria conosco.

–Como pode ter esta certeza? Seja como for, eu a amei demais, mas nunca, ouviu bem, nunca a perdoarei.

Ela não tinha como retrucar. O esposo estava certo, mas nada podia ser feito mais.

Tratou de cuidar-lhe da saúde, mas ele foi definhando, sem que ninguém atinasse com relação ao mal que o acometia.

Tentou inutilmente fazer chegar ao filho querido notícias do que se passava com seu pai, e mais, suplicou à irmã que o companheiro pudesse ver o filho querido, porque quem sabe, deste modo, pudesse se recuperar.

Tinha certeza de que seu pergaminho chegara às mãos do rei, porque enviara através de seu escriba, mas nenhuma resposta obteve.

Desesperada, assistiu a morte lenta do esposo, cujo olhar como que a acusava de seu sofrer.

Desorientada e em desespero, assistiu-lhe os últimos momentos, pedindo-lhe perdão por tudo aquilo que vinham sofrendo.

Sua morte mostrava-lhe claramente que estivera errada, quando tentara minimizar o sofrimento da irmã querida.

Nada mais lhe restava a não ser acompanhar de longe o filho, e amargurar-se até o final de sua existência, pela culpa que sentia da morte e do sofrimento do companheiro.

Nada mais lhe restava a não ser desejar a própria morte, e foi com muito esforço que não deu cabo da própria vida, após a partida do companheiro.

Percebia que sua irmã tomara posse total de sua vida, e a destruía por completo.

Pagara seu gesto de carinho e renúncia com o cerceamento total, e causara tanta dor, que a abatera completamente.

Não se dobrara, nem mesmo diante do sofrer do pai do rapaz que tomara por filho, não se sensibilizara com sua doença, nem recuara, diante de sua morte.

Não a reconhecia mais, desde que propusera a substituição do menino, para salvaguarda do reinado e da felicidade do casal real.

Destruía sua vida pela felicidade dela, destruía seu companheiro, prouvessem os deuses que isto também não destruísse seu próprio filho.

CAPÍTULO XIV- INGRATIDÃO

Apesar do imenso desejo de morrer, alguma coisa mantinha Neferura viva.

Morava em casa modesta mas confortável, e tinha servos prestimosos e o benefício de uma ajuda pecuniária que o soberano lhe provia.

Pensara em volver à capital, porém percebeu que a tanto era impedida pelos soberanos.

Ficava para ela bem claro que a manteriam com certo conforto, mas que jamais tornaria a ver seu filho, enquanto vivesse.

Os anos foram transcorrendo e seu rapaz já era um homem adulto, acompanhando o faraó em todos os eventos, sempre com destaque como o herdeiro do trono.

As construções suntuosas se multiplicavam, a fama do reinado crescia e apenas uma vez pode ver, de longe embora, o casal real e seu filho, durante uma excursão pelo Nilo, antes da chegada às fortificações.

Sim, ele estava muito belo e se parecia com o pai.

Chorou perdidamente esta noite e suplicou ao esposo que a perdoasse, onde quer que estivesse, que ouvisse sua declaração de amor e saudade.

Por que os deuses não a levavam de uma vez por todas? Para que viver daquela maneira, como se fosse uma eterna condenada à dor e à saudade?

Seus apelos à irmã e ao cunhado jamais receberam resposta.

Era admirável que ainda a mantivessem com uma vida economicamente boa.

A vida perdera todo sentido, nada mais lhe importava, a não ser acompanhar de longe o prolongamento da vida da irmã, do cunhado e do herdeiro do trono.

Não tinha ninguém com quem pudesse dividir seu sofrimento, seus pensamentos, suas desditas.

Não podia contar que o herdeiro não era filho do casal real, não podia dizer que ele era seu filho muito amado, que perdera de forma irremediável.

Pensava que, no dia da sua morte, quando tivesse que comparecer diante do deus chacal, seu coração estaria pesando demais na balança, e o juiz a condenaria.

Deveria ser assim, porque ela também se condenava, por ter sido tão afoita, tão tola mesmo.

Por que sua mana agira com tanta ingratidão para com ela? Rememorava os dias da infância, a juventude cheia de viço e alegria, a proximidade com a família real, lembrava como se felicitara com o amor que via nos olhos de Nefertari e do faraó Ramsés, de sua aproximação com o chefe da guarda real, e do amor que eclodira em seu coração.

Da felicidade advinda de seu casamento e do casamento da irmã, da gestação de ambas, na mesma época, do nascimentos dos dois meninos, da alegria entre ambas, da proximidade e camaradagem entre os garotos, da felicidade que sentia.

Depois rememorava a morte do herdeiro e o desespero de sua irmã, como isto a atingira também, como desejara auxiliar, principalmente depois de ver que a relação do casal real estava estremecida.

Por fim, lembrava de como quisera auxiliar, e, no seu desprendimento, jamais imaginou que a irmã a afastaria totalmente de sua vida, depois disto.

O esposo estava certo. Ela agira de forma louca, impensada, levada pelo desespero de querer minimizar o sofrimento da irmã.

A outra lhe pagara com ingratidão.

Como aquilo podia ter ocorrido? Ela não entendia, não conseguia entender.

Por que a morte não a levava de uma vez por todas? A ingratidão da irmã era pior que a morte.

A pior maldade é a que nos vem dos bons, ou daqueles que julgamos bons, em quem confiamos.

Por isto, que ela aparece pelas mãos dos filhos, dos irmãos, dos companheiros, dos amigos.

—Por que só percebemos isto, quando muito tarde, quando tudo se desfaz entre nossos dedos? - raciocinava Neferura, enquanto caminhava pelas margens do Mediterrâneo.

—Por que não atinei com o que iria acontecer, após meu gesto? Por que sempre percebemos o desastre e a desgraça, quando eles se efetivam?

Talvez isto ocorra, porque não somos capazes de ajuizar o mal alheio, que nos pode atingir, quando não somos capazes de ferir ou fazer este mal a outrem.

Isto ocorre porque, na maioria das vezes, julgamos os outros pela nossa medida, sem percebermos que eles diferem de nós em suas escolhas, em suas atitudes, e, principalmente, em sua ação contra nós.

Jesus bem asseverou aos seus discípulos: “Sede simples como as pombas, mas prudentes como as serpentes.”

Como não temos índole das serpes, esquecemos sua advertência.

Isto ocorrera com Neferura e ocorre com todas as criaturas de boa índole, que sentem empatia pelos outros, que sentem compaixão, e que se dedicam à felicidade alheia.

Por isto, vemos grandes feitos heróicos, ao lado de gestos traiçoeiros, líderes e idealistas, ao lado de aproveitadores mesquinhos, e gente sem escrúpulo, abnegados benfeitores e pesquisadores sublimes, ao lado de usurpadores e mentirosos de todos os quilates.

Por isto, entre os grandes e destacados, e em meio as pessoas mais simples, encontramos aqueles que se destacam pela sua generosidade e amor, e outros que se acumpliciam com o mal, para prejudicá-los.

Por isto, parece que o bem está sempre sofrendo a sanha do mal, e que este tem vitória sobre aquele.

Porém o mal traz em si mesmo a semente de sua destruição, como uma bomba de tempo, armada para ser detonada, ao despertar da consciência.

Nefertari não o sabia e se julgava digna de todos os esforços e sacrifícios alheios, acima dos demais, sem meditar, por um instante que fosse, o que causava à sua irmã e ao seu cunhado.

Isto é próprio dos ingratos, de todas as épocas. Julgam-se merecedores de tudo e não percebem ou não querem ver o que custa à outrem o esplendor e a felicidade que usufruem.

Não aquilatam a miséria moral que demonstram, nem imaginam o alto preço a pagar pela sua ação nefasta.

Aprisionados numa torre de cristal, se colocam acima do bem e do mal, inacessíveis ao futuro que os aguarda, incisivo e justo.

Não somos donos de nossos destinos, mas somos artífices de nossa paz ou da nossa desgraça, pela própria invigilância e desprezo pelos demais.

Esta lição é difícil de aprender, e nos custará muitas jornadas pela terra, em várias experiências, até que possamos atingir a completa compreensão ao mérito do respeito que devemos uns aos outros.

E será sempre assim em nossa jornada.

Passaremos por situações que nos levarão a este aprendizado, mais cedo ou mais tarde.

No entanto, no momento em que tivermos exercido o esforço deste aprender, passaremos a exercê-lo até de forma coercitiva, exigindo que ele se cumpra em nossas leis humanas, em nosso círculos de amizade, em nossas famílias, porque ele fará parte de nós, inscrito em nossa consciência, e sem eles não conseguiremos viver.

Deste modo, nossa ação será estranhada por todos aqueles que ainda não a tem inscrito em si mesmos, e que não agem com respeito aos demais, às pessoas, aos animais, à natureza.

CAPÍTULO XV- ARREPENDIMENTO

O tempo foi passando e Neferura somente se felicitava com as notícias sobre a família real, e com algum benefício que conseguia fazer, entre as pessoas que a cercavam.

Era de sua natureza servir e ser com todos solícita, apesar da tristeza que lhe minava a alma, e obsequiava os servos e os poucos amigos que mantinha, com sua atenção e generosidade, de forma natural, sem ostentação, e até mesmo sofrendo de um ou de outro alguma ingratidão.

Um amigo do marido, percebendo sua preocupação com o jovem herdeiro, sempre que podia lhe dava notícias dele, crendo que isto se dava pelo fato do mesmo ser seu sobrinho e, não entendia porque ela estava meio separada da família.

Foi deste modo que, estando o herdeiro já com trinta anos, foi ele atingido durante uma luta e veio a falecer.

Tão logo soube da notícia, que logo correria todo o reino, com as demonstrações de luto dos soberanos, apressou-se em lhe vir dar conta do ocorrido, mesmo sem saber como lhe dar tal informação.

Com muito tato, foi discorrendo sobre os últimos eventos havidos com os exércitos, do qual seu antigo companheiro militar fizera parte, para finalmente dizer-lhe que Amenofis havia perecido.

Foi preciso que amparasse a amiga, que desfaleceu aos seus pés, chamando as servas, que logo acorreram prestativas.

Esteve ela quase entre a vida e a morte por vários dias, sentindo-se ferida mortalmente, diante da morte do filho querido, do qual se apartara.

Enquanto isto, em palácio, a dor do casal real não era menor, apesar de terem tido, neste tempo, mais filhos, que os amparavam, diante do inesperado.

Tudo fora aprestado para as homenagens ao herdeiro de Ramsés, cuja dor se estampava nos seus mínimos gestos.

Nefertari, contudo, quase falecera, parecia que enlouquecera.

Deu de chamar a irmã, exigir que a trouxessem à sua presença, pedia aos deuses perdão, e se culpava pela morte do herdeiro.

Nada nem ninguém conseguia acalmar-lhe o desespero, e o soberano, também atingido pelos acontecimentos, não sabia o que fazer, para aplacar-lhe o sofrimento.

Diante do imenso desequilíbrio que acometera a soberana, ele mal podia dar vazão à própria dor, e o conselho de um dos seus ministros, fez com que aprestasse uma comissão, para que fosse atrás da cunhada, aparentemente banida do reino, e a trouxesse ao palácio o mais depressa possível.

Partiram seus mensageiros, enquanto a soberana jazia acamada, incapaz de concatenar as ideias de forma mais lúcida, segundo aqueles que a conheciam.

Nem os filhos queria ao seu lado e só se acalmava, diante do esposo real.

Rasgava as vestes, negava-se a se alimentar e, só a muito custo ele conseguia que ela se asserenasse, quando dizia que a irmã estava a caminho, e que poderia avistar-se com ela o tempo que desejasse.

—Os deuses me castigaram. - dizia a soberana.—Tiraram-me duas vezes meu filho!

E somente o esposo entendia ao que ela se referia.

Ministravam-lhe remédios, faziam-lhe companhia dia e noite, providenciavam as servas mais queridas, mas ela não lembrava mais a soberana bela e elegante das recepções palacianas.

Enquanto isto, também Neferura se recuperava do golpe, a duras penas, Quase viera a falecer. Era como se as duas irmãs, aparentemente separadas por tanto tempo, durante anos, de repente se ligassem de uma forma inesperada e desesperadora.

A ligação que ambas haviam demonstrado durante tanto tempo, em meio à vida de alegrias que levavam, agora ressurgia das cinzas de forma devastadora.

Os amigos e servos se revezavam em orações aos deuses, e nas poções que conheciam, entre sacerdotes, médicos e feiticeiros.

Quando finalmente os mensageiros do faraó chegaram, ela se recuperava, sem saber a que vinham aqueles homens.

Entregaram-lhe uma carta do soberano, que ordenava que ela se apressasse a segui-los até a capital, onde a irmã, muito doente, lhe aguardava a presença.

Neferura se esqueceu da própria dor, para pensar no que o casal real estaria passando, com a morte repentina de seu filho, que vinha sendo preparado para ser o herdeiro do Egito.

Fez-se de forte, apressou sua viagem, deu ordens aos servos mais chegados que cuidassem de tudo até sua volta, despediu-se dos amigos, e encheu-se de preocupação com a irmã que lhe fora ingrata, esquecida de todo o sofrimento que a mesma lhe causara, e das desditas que havia passado, junto ao esposo falecido.

Pensou em quanto tempo seu menino vivera com seus novos pais, em como ele deveria tê-los amado, e como devia ter sido também amado, e sofreu por todos eles, sem pensar em si mesma.

Sua irmã precisava dela, e ela se apressava a ir logo ter com ela, sem ressentimentos, sem mágoas maiores, sem raiva ou cobranças.

Sua natureza fazia com que se culpasse pelo sofrimento inflingido a si mesma, ao esposo, ao filho e agora ao casal real, e seus outros filhos, ao próprio reino, já que desejara ser maior do que o deus da morte e vencê-lo.

Não conseguia entender porque ela e o esposo a chamavam.

Tantos anos haviam se passado, praticamente vinte um anos de sofrimento, de exclusão, de isolamento, e agora ia finalmente rever a irmã querida e o cunhado, e a cidade que fora cenário de sua felicidade, junto ao esposo e ao filhinho.

Não entendia porque a chamavam com tanta insistência e pressa,

Só pensava que os deuses modificavam o roteiro das vidas, e que ela se sentia culpada pela morte do companheiro, pelo sofrer que lhe causara, e até mesmo pela separação do filho, com sua resolução, praticamente absurda, e pagaria ainda mais por isto.

Culpava-se pelas desditas sofridas por si mesma, pelo esposo, pelo filho, que agora estaria junto ao primo, morto tão cedo e de forma tão insidiosa.

Por que ela decidira fazer o que fizera? Não estava certo. Deus levara seu filho, atingindo novamente Nefertari. Ela devia estar sofrendo tanto quanto ela mesma, a perda do jovem filho, que fora escolhido, entre tantos, para ser o herdeiro do trono.

Que direito tinha ela de reclamar o que quer que fosse?

Agira pelo impulso do momento, sem pensar direito que estaria, de algum modo, talvez ofendendo os deuses, com seu gesto.

O esposo falecera amaldiçoando-a, nunca a perdoara por isto.

Como se não bastasse a separação do filho querido, tinha que viver com as acusações dele, seu sofrer, e agora com o fechamento de todos os eventos que haviam redundado na morte do filho querido, com todo o caudal de sofrimento causado a todos.

Por que Nefertari a queria ver? Por que finalmente a chamava à sua presença? Talvez fosse para também amaldiçoá-la por sua escolha, por ter lhe entregue o filho, que acabara de falecer.

Sim. Só podia ser isto. Nefertari a chamava, para a arguir, a punir pela perda que estava sofrendo, naquele momento.

Perdera seu filho, Seti I, e agora Amenofis.

Com estes pensamentos sombrios partiu em direção à capital, na certeza de que novos sofrimentos a aguardavam, no reencontro com a irmã, mas mobilizada, de algum modo, a tentar minimizar o sofrer dela e do cunhado.

Iria finalmente deparar-se com o corpo do filho amado, a tanto tempo separada dele.

CAPÍTULO XVI- PROMESSA.

A viagem parecia lenta, para Neferura,

E ela pensava qual seria sua reação, de retorno ao palácio real, diante da irmã, que tanto amara e amava, e pela qual destruía sua própria vida.

Sofria tremendamente a morte do próprio filho, da qual fora apartada, mas não culpava o casal real pela morte dele, antes, culpava-se a si mesma, por havê-lo entregue aos novos pais.

Jamais poderia voltar atrás e modificar tudo o que acontecera, por sua intervenção.

Quem sabe o rei a estava chamando, para castigá-la, pelo sofrimento que estavam passando.

Se fosse isto, ele não estaria errado.

A irmã fora ingrata, e o cunhado também, para com ela, mas talvez agissem assim, pelo medo do que estava agora acontecendo.

Os pontos de refazimento e descanso da viagem, lembravam aqueles outros, quando viera com o esposo querido, praticamente expulsa do reino, para as fortificações ao Norte, no Mediterrâneo.

Cada local, cada paisagem, lembrava-lhe o companheiro, e eram como punhais que atravessavam seu peito.

Haviam passado por aqueles sítios, quase que como num exílio obrigatório, e a tristeza era a companhia permanente, a cada minuto, tal como naquele momento de perda e de luto.

Neferura, contudo, ainda se condoía do sofrimento da irmã, que fora, até aquele tempo, a mãe do herdeiro, para todos os efeitos.

Por que ela a chamava, exigia sua presença, tão insistentemente?

Mil pensamentos a envolviam, mirabolantes ideias a respeito do que a mana querida desejava., mas não chegava à nenhuma conclusão.

Afinal, pensava, porque estava viva ainda, quando desejava que a sua vida tivesse acabado de uma vez?

Que vantagem teriam os deuses de mantê-la viva, quando nada mais no mundo a importava?

Como seria bom se pudesse, mesmo que fosse em sonhos, encontrar o esposo adorado e dizer-lhe de seus remorsos, de seu sofrimento constante, pelo mal que lhe fizera sem querer?

Como seria maravilhoso estar com seu filho, e poder trocar impressões de como fora sua vida, a do esposo sem sua presença tão querida?

Como seria bom poder lavar a alma e ouvi-los, saber o quanto conseguiam entender sobre seu gesto, e como estariam no Outro Mundo?

Para ela a morte não apagava da mente e do coração os eventos vividos, os fatos, as dores, as escolhas, as ligações afetivas. Não era possível que a morte levasse tudo de roldão.

Sempre ouvira histórias, desde menina, da aparição dos mortos, do contato com aqueles que amamos, da fala mesma dos deuses.

Afinal, a esfinge não aparecera a Tutmés III, pedindo que ele a desenterrasse, que isto lhe traria glórias e vitórias sem fim?

E não fora isto o que acontecera?

Ninguém sabia da existência dos monumentos, até que o sonho de Tutmés ou Amenofis II o revelara?

Então, por que ela não sonhava com os entes queridos, se tanto desejava e orava, pedindo para revê-los?

Sentia-se como se fora amaldiçoada pela vida, porque, mesmo abrindo mão de ter junto de si o filho amado, ele partira pela morte, contra todas as expectativas do tio, que era a presença de Horus na terra, e da rainha, sua irmã Nefertari.

O calor diminuía o ritmo da viagem, mas ela pensava se valeria a pena ver finalmente a irmã e o cunhado, a não ser para se despedir do filho, do qual fora apartada há mais de vinte anos?

Teria ele se esquecido dela e do pai, que morrera por conta de sua ausência?

Teria ele ficado magoado com o que acontecera?

Como poderia vir a saber?

Sua alma jamais encontraria sossego, repouso. Seria condenada pelo deus Chacal,

Seu coração deveria estar pesado com as culpas que acumulara, com o sofrer que sentia, que matara o esposo, com a morte do filho.

Onde e quando poderia encontrar refrigério para sua alma?

Onde e como encontraria algum consolo, ou o vislumbre de uma solução, para o que fizera?

Seria bom se o rei a condenasse à morte, pela perda do herdeiro. Não era culpada disto, mas, até se poderia pensar que tudo era um castigo, pelo fato dela ter tentado vencer a morte, substituindo o sobrinho pelo filho.

Nem mesmo tentou conversar com os emissários do faraó, para saber se eles tinham ideia do porquê de a chamarem tão insistentemente.

Para que? Nada mais lhe importava, então saberia quando chegasse ao seu destino.

Como estaria Nefertari? Imaginava que houvesse envelhecido, como ela, apesar de ter uma vida mais regalada.

O tempo é exigente e ninguém o doma.

Imaginava quanto estaria sofrida, e, por isto mesmo, não atinava porque a desejava ver.

Que poderia ela fazer, diante dos acontecimentos?

Da outra vez a cumulava com o que tinha de melhor, para evitar seu sofrimento, mas agora, não tinha mais nada para doar, pensava.

Se o marido fosse vivo, como teria sido afetado com a morte do filho de ambos? Teria ele meios de levar o filho embora?

Teria ele o poder de matá-lo, para que pudessem estar juntos? Estaria com ela, naquele momento, voltando para o palácio, sob as ordens do faraó?

Ninguém podia ousar ir contra as ordens do soberano.

Se estivesse vivo, faria a viagem com ela. Mas ele partira, e, nos últimos tempos, era como se já houvesse partido, porque jamais se dignava a falar com ela, não lhe dirigia um olhar, que não fosse de condenação.

Sentia-se um pária, parecia mentira que um dia fora feliz.

Neferura desejava mesmo que a viagem não terminasse nunca, que passasse pelos locais onde estivera com o companheiro, porque aquilo parecia um sofrimento mais real do que tudo o que estava ocorrendo.

Quando criança, ela e a irmã haviam jurado que sempre estariam juntas, que uma cuidaria da outra e que fariam tudo, para que pudessem ser felizes.

Haviam jurado que uma não poderia ser feliz, se a outra não fosse.

Coisa de criança, coisa de jovens cheias de ideal e sonho, que julgam tudo poder, tudo alcançar, tudo conseguir.

Ilusão, pretensão infantil e tola.

Haviam tido momentos de muita alegria e felicidade, com seus respectivos casamentos, com seus filhos, mas depois, não sabia porquê, haviam sido atingidas no que tinham de mais sagrado, de mais importante.

Fora então que tivera aquela ideia maluca, de que pelo menos a irmã pudesse ser feliz.

A única coisa que conseguira fora ser infeliz, e apartar-se dela.

Então, por que se tornariam a ver? Ambas estavam desditosas, infelizes.

Mesmo assim, lá no fundo, desejava ver a irmã, nem saberia dizer porquê.

Depois de muitos dias de viagem estafante, começou a perceber os contornos da aproximação da capital.

Como tudo estava diferente, mais bonito, mais elegante, mais cômodo.

Até os pontos de parada, as estalagens eram mais confortáveis, do que aquelas pelas quais passara, para o exílio seu e do esposo.

Dera de falar com ele à noite, antes de dormir, sempre a lhe pedir perdão, querendo que ele estivesse finalmente bem, e que pudesse estar com o filho, de algum modo.

Falava com ele e com Rama, que virara Amenofis.

—Poderão me perdoar algum dia? Faria qualquer coisa, para poder ter um dia o perdão de ambos. Qualquer coisa. Falem com os deuses, me dêem um sinal, e eu farei o que for preciso. Jamais terei um só minuto de descanso, enquanto não souber que ambos me perdoaram.

Mais uns dias e avistaram a capital. Estava mais suntuosa, mais bela, cheia de monumentos, pessoas que circulavam com suas mercadorias, casas luxuosas.

Tinha saudade, mas sua saudade registrava a cidade como fora, quando lá vivera.

Aquela nova capital era uma estranha, cheia de novidades que não a agradavam, por mais bela fosse.

Os mensageiros enviaram alguém à frente, a avisar que estavam chegando, e foram levados ao palácio, onde uma aia do harém real, a conduziu aos seus aposentos, colocando-se à sua disposição, para tudo o que ela precisasse.

Estava cansada pela viagem e também pelas fortes emoções que a tomavam, e resolveu se banhar, para buscar a calma e o descanso, até o momento em que tivesse que se avistar com a irmã gêmea.

Achou melhor não perguntar, não expor seus cuidados e preocupações, com uma serva que não conhecia.

A aia, Chesnut, trouxe-lhe vestimentas práticas e luxuosas, e ela se banhou com tranquilidade, depois tomou uma refeição leve e saborosa e se deitou à cama, para descansar.

Não saberia dizer quanto tempo dormiu, mas acordou tarde da noite, com ruído de vozes no corredor por onde viera, e ficou no aguardo.

Não saberia dizer que horas eram. Adormecera após o meio dia, e ninguém lhe dera qualquer informação, com relação ao que a aguardava.

Ouviu passos, e batidas à porta. Foi atender e o oficial que a acompanhara em viagem se apresentou com uma vênia de respeito, dizendo que a rainha e o rei a queriam ver, no trono real.

Estava vestida com as roupas que lhe haviam sido entregues, e com os adereços e sandálias que lhe haviam dado.

Penteou os cabelos, colocou um antigo colar que os pais lhe haviam presenteado, dando um outro igual à irmã. Achou que seria adequado. O havia juntado aos pertences para a viagem, quase à última hora, mas agora tinha certeza de que o levaria para aquele reencontro.

Mentalmente pediu aos deuses que a amparassem, para aquele reencontro, ao mesmo tempo desejado e temido.

Acompanhou maquinalmente o emissário, observando os longos corredores, que conhecia, e onde fora tão feliz.

Emoções desencontradas a mantinham alerta, mas apreensiva e emocionada.

Chegou ao salão onde se davam as audiências, e alguns ministros e vizires a olharam, num misto de curiosidade e reconhecimento.

O rei, no trono, fez sinal para que todos se retirassem, o que foi feito.

Ficou apenas o vizir, Pasar, e o casal real.

Ela aguardou, e a rainha desceu do trono, caminhando até ela.

O rei a seguia de perto.

Nefertari emagrecera, estava com olheiras, abatida, apesar de manter a beleza e elegância.

Neferura não sabia o que fazer.

A irmã rainha chegou até ela e desabou aos seus pés, em pranto copioso, de joelhos.

Neferura abaixou-se até ela, tentando erguê-la.

—Me perdoa! - falou a rainha, com a voz embargada pelo pranto. - Me perdoa! Me perdoa!. Eu fui má e ingrata com você. Tirei seu filho, soube que seu marido morreu de desgosto, que a acusava pela perda de Rama.

Neferura não sabia como agir. Afinal, sua irmã era tudo o que lhe restara, a amava, por isto abriu mão do próprio filho, e agora ambas sofriam.

—Os deuses me castigaram duas vezes. Primeiro levaram Seti e agora Amenófis. Eles me acusam de ser soberba e má. Lembro-me de nossa promessa. Uma faria a felicidade da outra. Você cumpriu, mas eu não! Preciso que me perdoe!

—Não fique assim. Tudo aconteceu como os deuses quiseram. Nós não pudemos intervir.

—Os deuses não queriam que o herdeiro fosse meu filho, mas eu teimei nisto e os matei! - falava a rainha em descontrole, enquanto o esposo faraó a tentava levantar.

À muito custo levou-a e à cunhada as almofadas do salão, mais confortáveis

—Diga que me perdoa. Diga e terei algum alívio, algum conforto.

O vizir fazia com a cabeça um gesto, como pedindo que Neferura concordasse.

—Não há o que perdoar. Você não tem culpa. Eu a amo! - falou finalmente, de forma espontânea, mas difícil.

Nefertari suspirou, como se um peso houvesse sido tirado de cima de seu peito.

Levantou os olhos e fitou profundamente o olhar da irmã:

—Você sempre foi melhor do que eu.

—Que é isto?- ia dizendo Neferura, tentando interrompê-la.

—Me escute. Tomo os deuses, aqui presentes, como testemunhas. Aconteça o que acontecer, demore o tempo que demorar, eu juro que vou devolver à você seu filho.

—Pare com isto. Está sofrendo muito! Não precisa rememorar o que houve.

—Me escute. Não são palavras vazias, não são promessas vãs, como as que lhe fiz, quando me entregou seu Rama. Eu juro que não medirei sacrifícios, nem esforços para lhe devolver seu filho, são e salvo.

Neferura olhou para o cunhado e o vizir, como se atestasse que a mana enlouquecera, mas ela prosseguiu:

—Se você me perdoa mesmo, ouça minha promessa. Eu juro que haja o que houver, um dia eu lhe devolverei seu Rama.

E Nefertari falava com toda a alma.

Sem dúvida, ela o faria, mesmo sem saber como e quando.

CAPÍTULO XVII- MILÊNIOS DEPOIS.

Muito tempo se passou.

Vidas sucessivas, as duas irmãs em circunstâncias diferentes, nem sempre juntas, em várias oportunidades, cada uma seguindo o roteiro que lhes fora preparado pelos Amigos Superiores, que sabiam o que seria melhor para cada uma delas e para seus familiares, imersos nos mesmos meandros do passado.

O aprendizado se fazia amplo e eficaz, mas, por mais que os Mentores instassem a que Nefertari esquecesse a promessa feita há milênios, durante a tragédia que a envolvera e à irmã querida, Neferura, ela sempre que retornava ao Plano Maior, sempre que podia, voltava a referendar, a confirmar, a assegurar que um dia, mesmo que muito tempo se passasse, haveria de se desfazer de um filho, para doá-lo à irmã.

Neferura insistia que aquela tragédia tinha ficado para trás, e que jamais lhe exigiria este sacrifício, pelo que ele representava em dor, mas a antiga rainha egípcia insistia que haveria de lhe devolver o filho tirado, ou entregue a ela.

—Nossos mentores nos informam que não temos necessidade de reeditar os eventos passados, da forma como você decidiu.

Não precisamos mais sofrer por isto, minha querida irmã. Jamais lhe cobrarei tal preço.

—Sei que você não me cobra nada, sei também que nossos Mentores também insistem que não preciso passar por nada disto, mas eu mesma me condeno e culpo e, um dia, não sei quando, pagarei a você a promessa feita. Hei de vê-la feliz, mesmo ao custo de minhas lágrimas.

—Como pode imaginar que serei feliz assim? Isto é loucura. Precisa esquecer isto de uma vez por todas.

As vidas se sucediam. Séculos de aprendizado, sofrimento, resgate, mas o amor entre as duas nunca se extinguiu.

Uma vez sedimentada a ligação afetiva, ambas se felicitavam com as conquistas por uma ou outra, mas Nefertari não esquecia o passado.

Cada vez que as coisas passavam e se reviam, ela se lembrava da promessa feita.

Por mais que Neferura insistisse que aquilo não estava certo, eram páginas viradas no Livro da Vida, ela se calava, mas estava determinada a um dia fazer com que sua promessa pudesse se cumprir.

O sentimento fraterno que sentia por Neferura, fazia com que, mesmo que estivessem em vidas totalmente separadas pela distância, ela a procurasse, com a finalidade de saber se estava bem, se precisava dela, se sofria, e não conseguiam tirar-lhe o elã, a vontade de algo fazer, para corrigir o passado, para auxiliar a irmã dedicada, com a qual fora ingrata.

O companheiro de Neferura ainda não a perdoara, apesar de várias vidas, em que os Mentores tentaram ligá-los novamente, pelo carinho antigo. Haviam vindo como filho, novamente esposo, irmão, mas nada o levava a se ligar com ela, como se isto fosse para ele uma maldição.

Parecia mesmo que desenvolvera, para com ela, de um sentimento de vingança e menosprezo.

Neferura não merecia aquela atitude e continuava a amá-lo, mesmo tendo sofrido muitas vezes, pela interferência dele em suas vidas.

Da mesma forma como Nefertari desejava vê-la feliz, ela insistia em ter o perdão do antigo amor, o chefe militar do faraó.

Nosso amor ainda é feito de paixão e de desequilíbrio.

Somos comandados por emoções, que mal compreendemos, e isto se constitui num caudal de reencarnações, dolorosas e difíceis, até que tenhamos nos perdoado e até que tenhamos entendido o dinamismo da vida, com uma visão mais ampla e menos individualista.

Procurando acertar, como somos imperfeitos, muitas vezes erramos e temos dificuldades em nos perdoar por estes erros. Nos culpamos, nos julgamos, nos condenamos, de uma forma dura e incisiva.

Com paciência infinita nos fazem esquecer e criam novos cenários, novas condições, aguardando que possamos aprender de maneira mais leve, porém nossa teimosia insiste em nos criar armadilhas e mais armadilhas.

Imaginem quantos séculos e quantas condições diferentes, em culturas e épocas diferentes, até que ambas, reencarnadas no Brasil, pudessem se envolver, mesmo sem se conhecer, de forma que o sacrifício de uma gerasse a felicidade da outra.

Nefertari, a antiga rainha egípcia, no Norte do país, na personalidade de Inaiê, por circunstâncias que lhe escaparam, deu a luz ao menino que seria adotado no sul do país, pela antiga irmã Neferura, na pessoa de Inahí.

Somente após o reencontro das duas, no cenário do Egito, é que Inaiê encontrou forças para superar a dor da separação do filhinho querido, e retomar sua vida, na nova família, que a amava, apesar de ter sido tão madrasta, tão má para com ela, devido a gestação do filho.

O antigo companheiro de Neferura, contudo, embora enamorado, fugiu da responsabilidade, como se o filho que chegava pudesse lhe causar novamente a dor da separação, e consequente morte de desgosto.

Fugiu à sua responsabilidade e amargou a vida sempre sem saber se o filho nascera e como vivera, arrependido de seu gesto inconsequente.

Inahí procurava a irmã à noite, desejando que ela fosse feliz, e foi isto que manteve Inaiê viva, bem como as visitas que fazia ao filho querido.

Após aquela intercessão do Plano Maior, Inaiê retomou a vida antiga, acabou por se apaixonar por um jovem de seu grupo tribal, com ele se casou teve quatro filhos, sendo dois casais que a encheram de satisfação e amor.

Sentia, no fundo de sua alma, que fizera o que deveria ter feito, apesar de ter quase morrido de dor com os eventos, e pela dificuldade em perdoar seu grupo, por tê-la abandonado, quando deles mais precisara.

Seu marido a enchia de carinho, a envolvia de amor e admiração, e ela nunca lhe referiu quanto sofrera, porque as conversas sobre isto ela reservava para a jovem índia, com a qual se encontrava à noite, para saber notícias de seu menino.

Fora sua determinação que gerara este novo roteiro para as irmãs gêmeas, porque o Plano Maior não exigia este sacrifício e este desencontro.

Apesar de tantos transtornos e de tamanha tragédia, tudo parecia caminhar a contento.

A promessa de Nefertari fora cumprida, embora ninguém lhe cobrasse isto.

CAPÍTULO XVIII- ENCERRAMENTO.

Da vida presente vemos apenas a superfície.

Muito pouco nos é revelado sobre as pessoas com as quais convivemos.

Famílias são células potentes de reajuste e de refazimento, em nossas longas jornadas, rumo à perfeição.

Os fatos nos constroem, nos obrigam a promover mudanças, a fazer escolhas que não desejamos, a cortar laços e a construir outros.

Porém, apesar de sabermos que Amigos do Plano Maior nos vigiam, nos amparam, nos direcionam, nosso livre arbítrio constrói para nós mesmos ciladas e vitórias.

Precisamos avaliar corretamente o fulcro da essência de nós mesmos.

Almas milenares, trazemos no bojo do passado as histórias que escrevemos no Livro da Vida, e a correção, para nós, se faz de forma exigente e perene.

Deste modo, nossos ideais, nossos familiares, nossos sonhos formam a base milenar de nossos espíritos, e sobre eles é que ergueremos o futuro que nos aguarda.

Observando o que nos atrai, o que repelimos, o que nos constrange, teremos as pistas de nossos passos.

Tudo aquilo que nos incomoda, é algo que ou fomos ou somos ou seremos.

Analisando o trabalho em que nos detemos, o que nos atrai, o que se constitui no cerne de nosso trabalho interior e exterior, podemos concluir algumas certezas à nosso respeito.

Claro está que a mudança em nós é imprescindível e obrigatória.

Muitas vezes nos decepcionaremos conosco mesmos, e com as pessoas ao nosso redor.

Decepção faz parte, mas o que fazemos com isto é que nos torna diferentes uns dos outros.

Temos milhares de pessoas que nos servem de exemplo vivo, ao longo do percurso.

Lições memoráveis nos são transmitidas, direta ou indiretamente.

Cabe a nós aproveitá-las, por tudo de bom que podem granjear.

Não é fácil e nunca foi, porque o tempo passa rápido, e as circunstâncias nos cobram resoluções.

Nossas escolhas, a partir daí, impõem outros cerceamentos e conquistas.

Nem sempre temos noção clara do porquê de nossas vidas.

Oscilamos entre desejos, ambições, egoísmo, orgulho e incipiência mesmo espiritual.

Mas, querendo ou não, deixamos pegadas perenes de nossas ações.

Cada gesto, cada palavra, cada ação fica registrada no Livro da Vida, e em nossa consciência.

Não há como fugir disto.

Que possamos ser misericordiosos no julgar fatos, pessoas, eventos e nós mesmos.

É muito difícil ser justo, então, mais vale ser clemente, a fim de não gerarmos sofrimento desnecessário a nós e aos outros.

Que a história de vida de Inaiê e Anahí, contada de forma tão bela por Zèzinho, nos faça pensar que há muitas coisas que não alcançamos, não entendemos, nem por sonho, filosofia, ou estudo.

Que os seres envolvidos nestas tramas possam encontrar a felicidade, que é a busca final para todos nós.

Que as difíceis lições aqui transcritas nos levem a pensar na seriedade da vida, nas dificuldades pelas quais passamos, na nossa própria fragilidade e pequenez, e que possamos nos unir, para fazer da Terra o Paraíso que ela é.

Saudando Anahí e Inaiê, seus familiares e amigos, procuramos saudar os índios dos quais Marília descende, nestas e em outras existências.

Para o índio a Liberdade é um bem precioso e ninguém poderá jamais tirá-la dele!

FIM.

.